

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

calei
dos
ópio



LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

Por opção dos autores,
e manifestando a sua discordância
com o acordo ortográfico de 1990,
os presentes textos são apresentados
com a grafia que lhe é prévia.

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

Para além desta vida

A Memória funerária da cidade

RODRIGO BANHA DA SILVA

Coordenação Científica

ANA LEMA SEABRA
ANA MARGARIDA ARRUDA
ANA SOFIA ANTUNES
CATARINA BOLILA
CIDÁLIA DUARTE
CLÁUDIA COSTA
CLÁUDIA MANSO
DAVID GONÇALVES
DIEGO ANGELUCCI
ELISA DE SOUSA
ÉVER CALVO
FRANCISCA ALVES-CARDOSO
HELENA PINHEIRO
JACINTA BUGALHÃO
JOANA REIS
JOÃO MURALHA
JOSÉ CARLOS QUARESMA
JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

MANUELA LEITÃO
MARINA LOURENÇO
NATHALIE ANTUNES-FERREIRA
NÉLSON CABAÇO
NUNO NETO
PAULO BOTELHO
PAULO REBELO
PEDRO FERNANDES
PEDRO PEÇA
RAQUEL GRANJA
RODRIGO BANHA DA SILVA
SUSANA GARCIA
SÍLVIA CASIMIRO
VASCO LEITÃO
VASCO NORONHA VIEIRA
VÍTOR FRAZÃO

Sumário

7	Apresentação	66	Calçada do Garcia e Largo de S. Domingos RODRIGO BANHA DA SILVA
8	Nota Introdutória	70	Rua das Portas de Santo Antão NÉLSON CABAÇO, ÉVER CALVO MARINA LOURENÇO SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO RODRIGO BANHA DA SILVA
10	À guisa de introdução: algumas palavras prévias... RODRIGO BANHA DA SILVA	74	Calçada do Lavra: Testemunho da variabilidade de rituais funerários em época romana PEDRO PEÇA CATARINA BOLILA RAQUEL GRANJA PAULO REBELO
12	Práticas e rituais funerários na região de <i>Olisipo</i> no I milénio a.n.e.: O impacto orientalizante e o seu reflexo no estuário do Tejo ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA ANA SOFIA ANTUNES SUSANA GARCIA	84	Encosta de Sant'Ana: Os espaços sepulcrais CIDÁLIA DUARTE CLÁUDIA COSTA DAVID GONÇALVES DIEGO ANGELUCCI JOÃO MURALHA JOSÉ CARLOS QUARESMA MANUELA LEITÃO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA PAULO BOTELHO VASCO LEITÃO
24	Espaços funerários: de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> a <i>Olisipona</i> RODRIGO BANHA DA SILVA	100	Rua de Santa Marta, n.º 32-34: estrutura funerária romana PEDRO FERNANDES NUNO NETO
32	Rua dos Correeiros: o espaço funerário ANA MARGARIDA ARRUDA ELISA DE SOUSA JACINTA BUGALHÃO RODRIGO BANHA DA SILVA CIDÁLIA DUARTE	104	As inscrições funerárias da Necrópole NO de <i>Olisipo</i> RODRIGO BANHA DA SILVA
40	Rua Nova do Almada, n.º 63-73: Vestígios da necrópole romana da “via Este-Oeste” de <i>Olisipo</i> HELENA PINHEIRO RAQUEL GRANJA NUNO NETO		
44	Praça da Figueira RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO FRANCISCA ALVES-CARDOSO		

116	Núcleos ocidentais I - Palácio dos Condes de Penafiel RODRIGO BANHA DA SILVA	141	Recintos, edifícios e monumentos funerários em <i>Olisipo</i> RODRIGO BANHA DA SILVA
120	Núcleos ocidentais II - Rua de São Nicolau e <i>Corpus Christi</i>: Discretas evidências da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA CLÁUDIA MANSO RODRIGO BANHA DA SILVA ANA SEABRA	161	Os Olisiponenses: Estudo bioantropológico de uma população da Lusitânia FRANCISCA ALVES-CARDOSO SÍLVIA CASIMIRO SUSANA GARCIA NATHALIE ANTUNES-FERREIRA RAQUEL GRANJA MARINA LOURENÇO CIDÁLIA DUARTE DAVID GONÇALVES
121	Núcleos ocidentais III - Rua da Prata: Evidências fúnebres da Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO CLÁUDIA MANSO NUNO NETO JOANA REIS JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO	174	A Infância entre a Época Romana e a Antiguidade Tardia SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA FRANCISCA ALVES-CARDOSO
123	Alfama RODRIGO BANHA DA SILVA	182	O mobiliário funerário RODRIGO BANHA DA SILVA JOSÉ CARLOS QUARESMA
126	Rua do Paraíso. Os monumentos funerários: um <i>columbarium</i> de <i>Olisipo</i> VASCO NORONHA VIEIRA NUNO NETO SÍLVIA CASIMIRO VÍTOR FRAZÃO RAQUEL SANTOS	198	Referências
130	Práticas e rituais funerários em <i>Olisipo</i> entre os séculos I e VI d.C. RODRIGO BANHA DA SILVA SÍLVIA CASIMIRO NATHALIE ANTUNES-FERREIRA MARINA LOURENÇO RAQUEL GRANJA SUSANA GARCIA CIDÁLIA DUARTE FRANCISCA ALVES-CARDOSO	209	Lista de Autores

Recintos, edifícios e monumentos funerários em *Olisipo*

RODRIGO BANHA DA SILVA

Quando os funerais, ritos, restos humanos e até as memórias se desvaneciam com o tempo, o monumento funerário era tudo o que restava do defunto. Estas construções, porque não constrangidas aos cânones que pautaram as grandes arquitecturas públicas, mas também as domésticas, urbanas ou rústicas, compõem uma das expressões materiais de maior variabilidade formal dentro da arquitectura romana.

Esta sua condição desde cedo atraiu maior atenção por algumas especialidades, designadamente a Epigrafia e a História da Arte. Induz este especial interesse, também, o facto de objectos de estudo de ambos os âmbitos disciplinares se encontrarem na maioria dos casos hoje desconectados dos sepulcros originais, promovendo deste modo o carácter sectorial da análise. Noutro sentido, a refinação e especificidade do conhecimento entretanto desenvolvido pela Epigrafia e História da Arte tendeu a induzir a atomização da sua investigação, reduzindo-a a uma objectualização da inscrição, escultura, capitel, relevo, entre outros.

Não se pode deixar de referir, por último, que a actual *praxis* arqueológica urbana portuguesa é no geral feita de forma absolutamente aleatória, não respondendo a qualquer questionário científico prévio (com raríssimas excepções à escala nacional, devendo aqui nomear-se pouco mais para além de Braga e Mértola...). A sua leitura restringe-se, por essa razão, às tarefas de documentação e, em raras e afortunadas ocasiões, ao estudo dos elementos que compõem o registo arqueológico dos vários locais alvo de escavação: quer dos

estratos e contextos revelados, quer da esfera objectual, onde naturalmente se incluem tanto as cerâmicas como os capitéis, colunas, frisos ou as inscrições.

Ao arrepio das limitações disciplinares, ou das condições em que o trabalho arqueológico é executado em Lisboa, o facto de os edifícios e restantes monumentos funerários terem constituído durante a Antiguidade marcadores e elementos de memória, muito para além da sua condição estética ou arquitectónica de *per si*, exige o esforço em serem perspectivados no contexto mais geral das manifestações rituais da morte, no caso as praticadas em *Olisipo*, por forma a deles se colherem contributos para a leitura dos seus significados histórico e antropológico de cariz mental, cultural e social.

A amostragem disponível em Lisboa para o estudo dos recintos, edifícios e monumentos funerários romanos é globalmente restrita, pois apenas possuímos elementos arquitectónicos e espaciais a partir dos meados do século I d.C., graças aos dados contextuais associados a construções da Praça da Figueira e às inscrições e elementos arquitectónicos dispersos, de similar cronologia. Isto significa que os momentos mais antigos relativos à presença romana não nos estão acessíveis na cidade, ou porque ainda não representados, ou porque quando o estão, como é o caso único da Rua dos Correeiros (ver apartado, neste volume), não forneceram quaisquer dados acerca da composição visual exterior do espaço fúnebre.

Estes primeiros momentos do aglomerado romano, compreendendo deste modo quer

a *Olisipo* sujeita à República, quer a recém-cidade, porque promovida ao raro estatuto hispano de *municipium ciuium romanorum* (entre 31-27 a.C. - Faria, 1995), compõem um rico e complexo processo de interacção cultural entre “indígenas” e “romanos/romanizados”, desenvolvido ao longo de um século, que ainda estamos longe de ver com clareza. Isto é particularmente verdadeiro no que se refere aos hábitos e costumes funerários então praticados (ver Práticas e rituais funerários na região de *Olisipo* no I milénio a.n.e., no presente volume). Sabemos, porém, que o perfil dos naturais da *Felicitas Iulia Olisipo* inicial apresenta já evidências fortes de integração, pois as inscrições da região, incluindo as da própria cidade, indiciam a presença agencial precoce no território de indivíduos portadores de nomes de família de origem itálica, com probabilidade gentes forâneas estabelecidas sucessivamente após os primeiros momentos da conquista romana e seus descendentes (Ribeiro, 1989-90; Guerra, 2003, 2019, entre outros). Os sítios rurais habitados sugerem-no também, mas de outro modo, ao revelarem documentação arqueológica indiciadora de casos múltiplos de continuidade de ocupação entre os períodos romano republicano e imperial (Silva, 2018b, pp. 184-185). Trata-se, portanto, de uma matriz multicultural de origens variadas, plenamente “romanizada” quando se atingem as etapas iniciais do Império (27 a.C.-54 d.C.), já não fazendo sentido, portanto, falar para este período de “indígenas” em contraste com “romanos”, pois, de uma forma ou de outra, todos o são. Nesta sequência, a constatada adopção de modelos e expressões fúnebres de origem itálica (Campos, 2019, nesta colecção), quer em termos arquitectónicos, quer em termos espaciais, é tudo menos surpreendente.

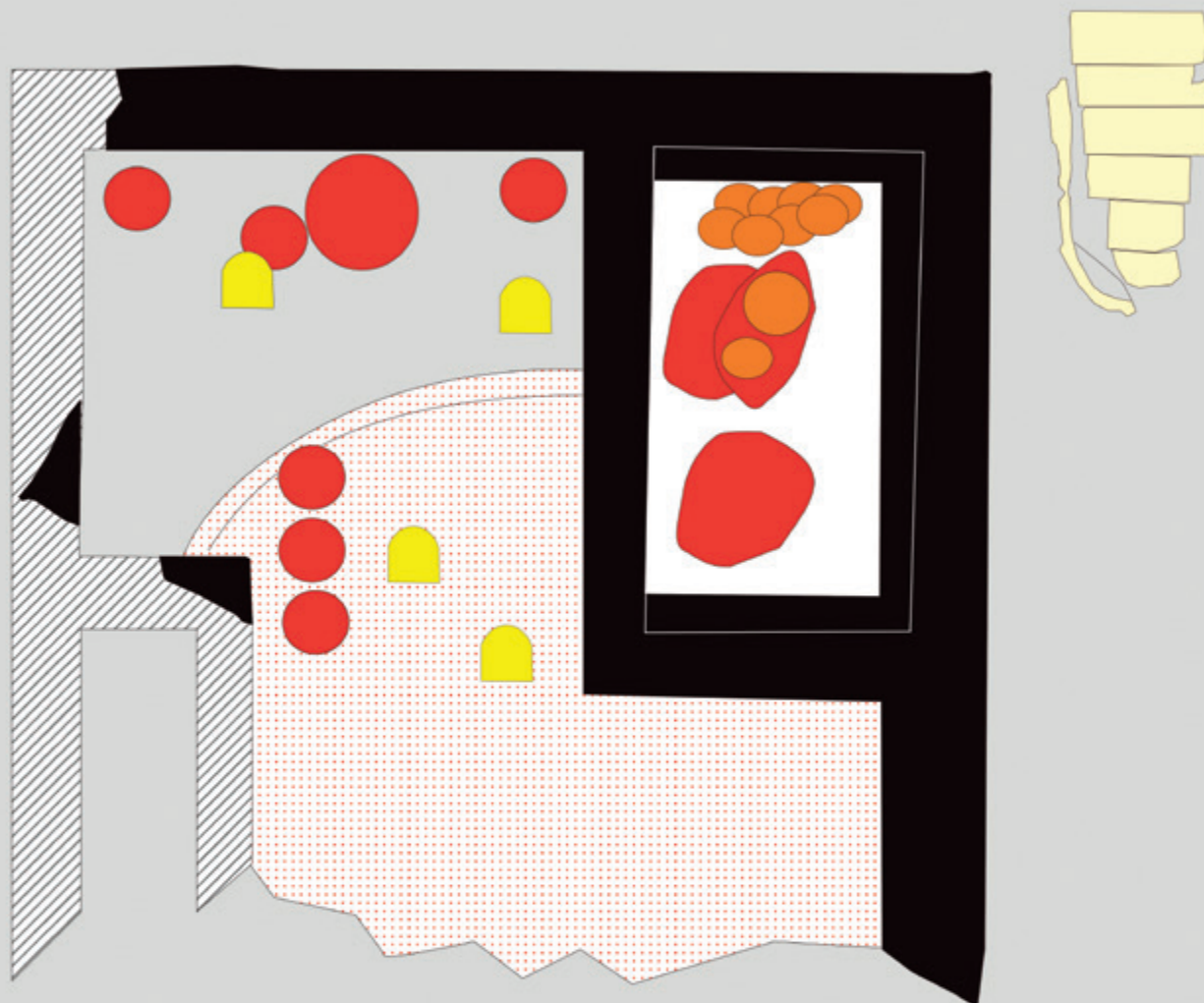
Como vimos antes, os espaços fúnebres de *Olisipo* são, a partir do período imperial, definidos por exclusão em referência à cidade em sentido estrito (ver apartado Espaços funerários ..., neste volume). Não existe, por consequência, a delimitação de um perímetro exclusivamente dedicado aos mortos aparentada com o que na contemporaneidade designamos por cemitério. Este pressuposto traduz que o proprietário de uma parcela de terreno suburbano tem a disponibilidade jurídica e prática de lhe dar a finalidade do solo que bem entender, incluindo a funerária, à semelhança do que acontece no mundo rural (a menos que a cúria olisiponense tenha adoptado uma distância limite mínima, como acontece com a cidade de *Urso* - ver o apartado antes citado).

Ora, esta condição prévia resulta, de igual modo, de uma outra matiz da visão própria do espaço territorial por Roma, que o conceptualiza como algo de abstracto e mensurável: a distância expressa-se em milhas, as medidas lineares do espaço em pés ou seus “múltiplos” (*passus, actus,...*), a área em *jugerum* (unidade métrica aparentada com a jugada medieval) ou *centuria quadratta* (unidade de área quadrada somando c. 50 ha), seus múltiplos e submúltiplos.

Uma cidade como *Olisipo* terá, portanto, que se ter dotado de um ordenamento territorial cadastral, pelo menos na sequência da sua promoção de estatuto de 31-27 a.C., se é que não existiram antecedentes. A isto forçou o ordenamento administrativo, jurídico e fiscal local, suportado pela lei municipal própria da novel *Felicitas Iulia*. O sobredito ordenamento tinha seguramente suporte material expresso em registo textual identificativo dos proprietários conservado nos arquivos da *ciuitas*, como provavelmente também numa ou várias *forma(e)*,

FIG. 1

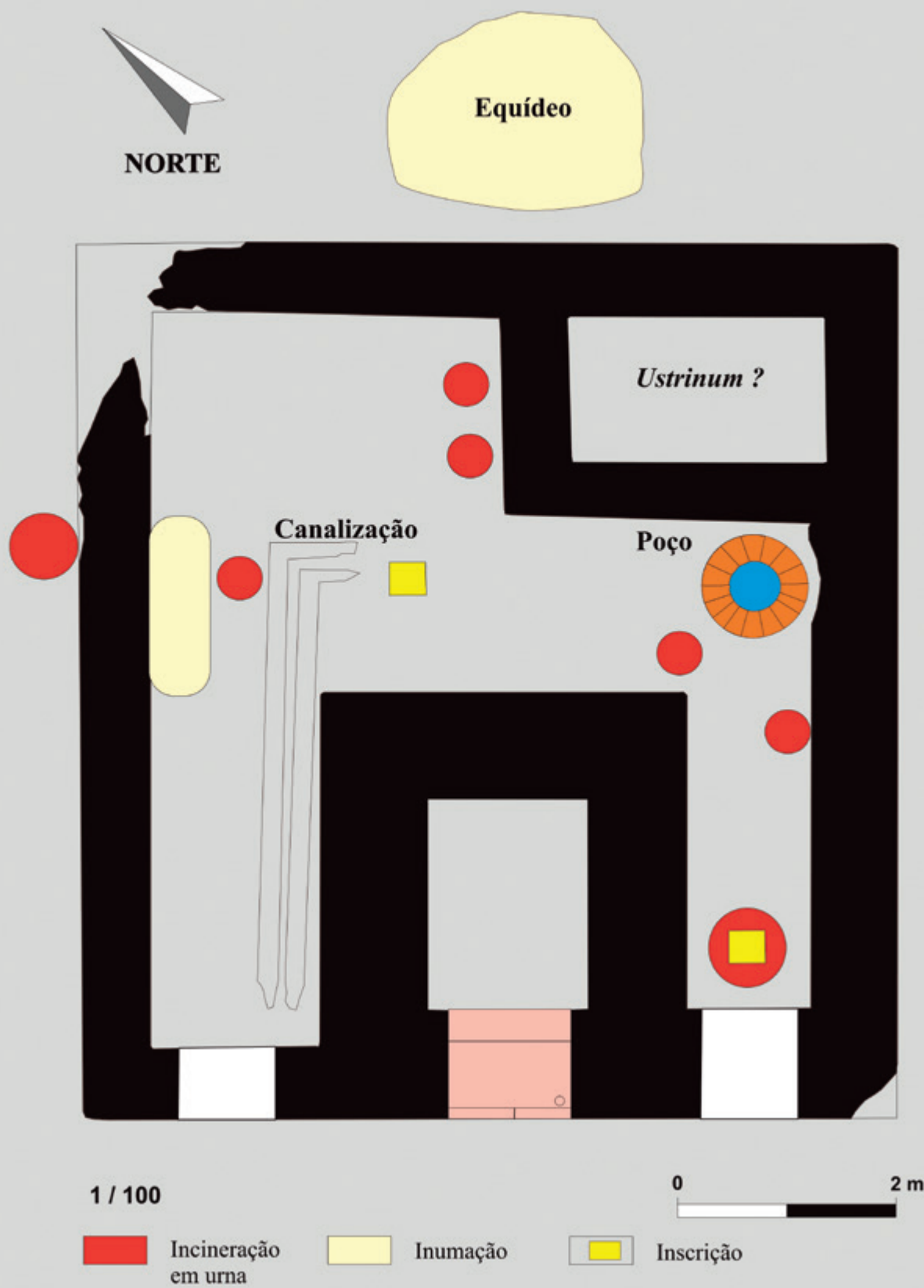
Planta do “Edifício Nordeste” intervencionado na Praça da Figueira em 1962, com reconstituição da localização dos elementos funerários documentados (base Ferreira, 1962; seg. Silva, 2005, p. 46, fig. 5, adaptado).



1 / 100



	Incineração		<i>Opus Signinum</i>
	Inumação		Epígrafe



versão desenhada planimétrica e esquemática, com as parcelas devidamente nomeadas. Este aspecto é crucial para percebermos o espaço suburbano onde se situam necessariamente as necrópoles e núcleos fúnebres, mas também, e sobretudo, as habitações extra-muros, instalações portuárias ou as múltiplas *officinae* de *garum* (unidades de produção de derivados piscícolas) que conhecemos em *Olisipo*. De forma alguma poderemos julgar, todavia, que a cúria local que administrava a cidade (*ordo decurionum*) conservava necessariamente um registo específico dos recintos e monumentos funerários olisiponenses (Vaquerizo, 2007b, 2020). Mas em *Felicitas Iulia* se aplicavam sob a alçada dos decuriões os mesmos princípios jurídicos de que temos testemunho nos textos específicos que o direito romano nos legou a propósito dos sepulcros e áreas sepulcrais, seja no domínio da propriedade (direitos, obrigações, transmissões, alienações e doações), da violação e furto, aos usos indevidos dos espaços fúnebres, caso da prostituição corrente em Roma (vide por exemplo Vaquerizo, 2002 ou Hope, 2007).

Todo o fenómeno antes descrito induziu necessariamente uma transformação generalizada das geografias mentais dos olisiponenses, que se manifesta também nas configurações dadas aos espaços e arquitecturas fúnebres urbanas. Estas conformações operadas na noção do espaço a que vimos fazendo referência, os contornos da natureza jurídica da propriedade dos terrenos e imóveis, o reforço da necessidade de perpetuação da memória do defunto que no período imperial se vinca, são factores que, no seu todo, conduziram a uma mais marcada individualização do sepulcro e/ou do recinto respectivo, de alguma forma materializada e visível mediante veículos de

comunicação visuais, seja a arquitectura, seja o elemento escrito.

No último domínio citado salienta-se o achado de marcos (*termini*) em necrópoles do Ocidente romano, com presença forte assinalada nos núcleos urbanos mais romanizados da Hispânia como Mérida, Medellín, Córdoba, Eciija, Cástulo, para cotejar os casos mais próximos geograficamente de Lisboa (Vaquerizo, 2019, 2020). A amostragem compreende marcos pétreos de lote funerário, sendo admissível também a existência no passado de outros em materiais perecíveis (Vaquerizo, 2019, p. 417).

As inscrições de Lisboa são, a este respeito, parcas. Um fragmento de epitáfio de origem desconhecida, observada na colecção da Biblioteca Nacional de Lisboa em 1860, apresentava o texto D(...)/PED(es).EV(...) (?)/L(ocus). PED(es)(...) (Silva, 1944, p. 255, n.º 141) e equivaleria a este tipo de referência às dimensões do lote funerário. Mais expressivo e contundente é o epitáfio do século I d.C. recolhido em 1782 no lanço de muralha a norte da Porta do Ferro: nele se assinalava a sepultura de *Graptus*, escravo de *Luceia Cinamidis*, falecido aos 13 anos, instalada num lote funerário de 30 pés (c. 9 m) de frente (*in fronte*) e 20 pés (c. 6 m) de profundidade (*in agro*); trata-se, a este propósito, de um lote que de alguma maneira espelha a relação afectiva entre o menino escravo e a sua dona, sendo a parcela aparentemente generosa dado que as medidas mais correntes dos loteamentos funerários nas grandes cidades da Itália e na Gália Narbonense são de 10 x 10 pés ou de 15 x 15 pés (Vaquerizo, 2019, p. 420), e em Roma predominam claramente os lotes quadrados de 12 x 12 pés, medida de igual modo usada para um parcelamento fúnebre de iniciativa pública ou privada de Córdoba (Vaquerizo, 2020, p. 420).

FIG. 2

Planta do “Edifício Sudeste” intervencionado na Praça da Figueira em 1962, com reconstituição da localização dos elementos funerários documentados (base Ferreira 1962; seg. Silva, 2005, p. 47, fig. 6, adaptado).



FIG. 3, A e B

Embasamentos maciços em cimento de monumentos que se desenvolveriam em altura.
Praça da Figueira, 2000 (créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).



FIG. 4
Remanescente de *cupa structilis* em alvenaria de tijolo revestida a *opus signinum*.
(créditos fotográficos: CML/DMC/DPC/CAL).

A evidência arqueológica de loteamento do espaço funerário em Lisboa é, também ela, restrita, limitada para já aos espaços de uso funerário dispostos ao longo das duas vias de maior importância, norte e oriental. Ela respeita somente a datas a partir do principado do Imperador Cláudio (41-54 d.C.), quando as mentalidades tinham, e de forma generalizada, a sobredita concepção do espaço já interiorizada. É certo, no entanto, que terão existido outros recintos mais antigos, pelo menos de Augusto (27 a.C.-14 d.C.) em diante, insinuados por alguma epigrafia (Campos, 2019, nesta colecção). Simplesmente, é menor a probabilidade de encontrarmos estes recintos mais antigos, seja pelo seu mais reduzido número, pela sua substituição ulterior por outras formulações urbanas ou arquitectónicas, ou ainda pela leitura que a investigação faz no presente da dinâmica de desactivação

das áreas fúnebres mais próximas ao perímetro propriamente urbano (Silva, 1999), aquelas de presumível cronologia mais recuada, a favor de outros usos do espaço, como bem se documenta no núcleo sepulcral da Rua dos Correeiros (ver apartado, no presente volume), onde aliás se não percebe a existência de acondicionamento do espaço. Não se pode deixar de ter presente, contudo, que na própria Roma do período tardo-republicano (séculos III-I a.C.), se regista uma evolução onde os recintos passam progressivamente de áreas delimitadas mediante cipos de pedra ou madeira, cordas, pequenas valas, sebes de vegetação, qualquer deles elemento de difícil rastreamento em processo de escavação arqueológica (e nas condições em que se permitiu que a maioria fosse executada em Lisboa, diga-se em abono da verdade), e só depois passam a recintos de adobe e por fim

de pedra, devendo notar-se que as duas últimas etapas desta evolução se atestaram em Córdova (Vaquerizo, 2019, p. 417).

A informação arqueológica relativa ao parcelário é sobretudo rica e diversificada no núcleo da Praça da Figueira. A zona revelou evidências de uma terraplanagem de preparação para instalação da construção executada nos finais do principado do Imperador Tibério (14-37 d.C.) ou primeiros anos de Cláudio, num momento em que não se atestou qualquer evidência de uso fúnebre (41-54 d.C. - Silva, 2005, 2012a, 2018a). Ressaltam do espaço escavado em 1999-2001 duas parcelas de grande dimensão, definidas por fortes muros de alvenaria, ambas de planta incompleta, implantadas nos meados do século I d.C.

Para a situada no ângulo SO da escavação, mais não podemos do que afirmar terem sido reconhecidos mais de 13 m de frente e 30 m de profundidade, estes últimos ao longo de uma via secundária, não se tendo identificado qualquer vão de acesso ou observado a existência de qualquer prática fúnebre ao longo dos seus dois séculos de existência. Para a situada no ângulo NE, do lado oposto à grande via de *Olisipo*, é possível restituir cerca de 30 m de fachada por 30 m de profundidade (aproximadamente 100 x 100 pés romanos): a fachada para a via era dotada de uma porta monumental, porticada interna e externamente com colunas adossadas isentas de base e com 0,59 m de módulo (c. 2 pés romanos), e um portão de duas folhas com grosso ferrolho cerrando o vão de acesso de 2,40 m (c. 8 pés romanos). O interior desta última parcela tem uso funerário discretamente documentado para os seus primeiros momentos, mas irá constituir, ao longo dos séculos II-IV d.C., a zona fúnebre de mais intenso e prolongado uso reconhecida na praça, perdurando para além da sua própria “desmonumentalização”, que afecta drasticamente a totalidade deste núcleo da necrópole NO de *Olisipo*.

Desde logo um problema interessante se coloca a ambos os recintos descritos, qualquer

deles mostrando dimensões por demais generosas para um lote funerário corrente, e que se prendem com o uso sepulcral de um e a sua ausência no outro. Como explicar esta dicotomia funcional?

É possível que nenhuma das duas parcelas tenha sido originalmente destinada ao uso fúnebre, parecendo esta a explicação mais compatível para o recinto SO. O recinto NE, porém, talvez requeira outro tipo de reflexão, sem que nenhuma leitura categórica se consiga dos dados disponíveis. A primeira hipótese relativa a este último recinto é a de que ele tenha constituído primitivamente propriedade privada com outra natureza (um *hortus* = jardim/pomar ?), e que a intensidade do uso funerário que entretanto se verificou na zona tenha inflectido a função do espaço para a funerária. Existe uma outra via interpretativa, de outro cariz: sabemos, por outros exemplos urbanos romanos, que as cúrias locais reservavam e constituíam para o domínio da sua *res publica* espaços privilegiados suburbanos e os reservavam para finalidades funerárias, ou com o objectivo de agraciar publicamente figuras proeminentes das suas respectivas sociedades com terrenos destinados à sua sepultura (que entrava então no domínio privado e não poucas vezes eram dotadas de *hortus* amplos - Toynbee, 1996, pp. 94-100), ou constituindo parcelas públicas devidamente configuradas destinadas ao uso ritual e sepultamento dos habitantes menos favorecidos da comunidade (Toynbee, 1996, pp. 91-93; Vaquerizo, 2001a, 2019, 2020; Hope, 2007), também estas configuradas com *hortus* (Toynbee, 1996, pp. 94-100). Na ausência de dados que sustentem a primeira hipótese, será a alternativa, a de se tratar de um recinto público para os menos favorecidos, a explicação para a formação do grande recinto porticado reconhecido na Praça da Figueira, e por esta via se justificando a maior intensidade e longevidade do seu uso?

Os restantes recintos, ou áreas de implantação de edifício, independentemente das suas

cronologias mais recuadas ou mais avançadas, já dentro do século III d.C., revelaram na Praça da Figueira modulações mais próximas das “canónicas”, apesar de serem tendencialmente mais amplas do que o documentado noutras necrópoles itálicas, gaulesas e hispanas: 14 x 14 pés (2x), 16 x 16 pés, 20 x 20 pés, 25 x 22 pés, 26 x 20 pés, 35 x 22 pés, a que se acrescenta uma parcela fisicamente demarcada somente pela fachada para a via (*in fronte* - o que é corrente - Vaquerizo, 2019, 2020), de 18 pés. No núcleo da Calçada do Lavra se assinalou também um recinto, associado a uma sepultura de cremação, como na Rua do Paraíso, esta na necrópole SE de *Olisipo* (ver apartados respectivos, no presente volume), aparentemente com dimensões aproximadas às modelações menores da Praça da Figueira.

Um dos recintos seguramente funerários da praça, localizado a oeste da via, não mostrou evidências sepulcrais coevas da sua construção, neroniana-flávia (54-96 d.C.), somente uma cremação depositada em cista de tijolo, já do século III d.C. Desprovido originalmente de vão de acesso, o que era vulgar em modelos itálicos que implicavam o uso de escada amovível para a prática dos rituais no local, um pequeno massame no vértice interior do tardoz equivalerá com probabilidade à zona de assentamento de um monumento pétreo vertical (estela? Cipo?), desaparecido com a voragem de pedra romana tardia.

Dois dos recintos restantes, datados já de finais do século II aos meados do século III d.C. estavam, por seu turno, associados a grandes embasamentos de monumentos, compondo áreas anexas a estes, por forma a poder receber outros sepultamentos ou funcionando tão só como demarcação arquitectónica dos mausoléus, que sabemos por vezes ser ajardinada como as que podemos observar ainda hoje nas necrópoles itálicas da Via Ápia-Roma, Pompeia ou Albenga.

Refira-se que o hábito de delimitar de forma murária as parcelas fúnebres denuncia estar

em plena quebra na cidade em meados do século III d.C. Deste modo se regista que no núcleo da Calçada do Lavra somente se assinalou uma construção deste tipo para um universo de mais de 50 contextos fúnebres (ver apartado, neste volume), ou que o núcleo da Rua das Portas de Santo Antão também não tenha revelado quaisquer evidências de arquitecturas de organização do espaço fúnebre, mesmo considerando a sua reduzida dimensão. Na realidade, não pode deixar de se apontar que os recintos estão já ausentes da última utilização funerária romana coerente do espaço na Praça da Figueira, cujas cronologias mais avançadas podem atingir os meados do século IV d.C. (Silva, 2012a).

Com uma variabilidade plástica da arquitectura muito elevada, os edifícios e monumentos funerários eram os outros elementos construtivos que povoavam as necrópoles. Na Itália, o século I a.C. revela-se como o período de arranque de um processo rápido de monumentalização do espaço fúnebre que abrange áreas das províncias, sobretudo aquelas onde se fixam ou estavam estabelecidos colonos itálicos, ou outras mais conectadas com as redes de comunicação (Vaquerizo, 2001a, pp. 207-208).

Os modelos dos edifícios, como os dos restantes monumentos, acompanham as tendências do centro do Império, e a partir do principado (pós 27 a.C.) o fenómeno traduz-se numa configuração paisagística das necrópoles urbanas hispanas mais vincadamente monumental, e onde, para além das referências arquitectónicas, decorativas e coroplásticas, está também omnipresente a mensagem textual. O jogo social a nível local transforma os espaços dos mortos, e nelas os recintos, edifícios e monumentos funerários procuram dispor-se lateralmente às vias, preferentemente às principais, compondo deste modo um escaparate público de visibilidade, auto-representação, prestígio e também vaidade (Vaquerizo, 2019, p. 418), as mais proeminentes áreas urbanas de representação social colectiva.

O edifício funerário mais antigo revelado no momento em Lisboa equivale a um dos dois escavados arqueologicamente na Praça da Figueira em 1962 por Bandeira Ferreira (1962; Branco, 1961), o localizado mais a sul da área escavada. Trata-se de um mausoléu de planta incompleta, pois as obras do Metropolitano destruíram-lhe toda a parte meridional, e cuja arquitectura encerra um interesse peculiar: por um lado, porque se encontrava dotado de forno crematório rectangular construído em parede de tijolo no vértice interior tardo, no interior do qual se encontraram duas sepulturas de incineração sucessivas datáveis entre 50 a 70 d.C. (Silva, 2012b, p. 482); por outro, porque dele provêm quatro placas de topo arredondado e uma outra de topo recto destinadas ao fechamento de nichos parietais com aquelas duas formas existentes dentro do edifício, implicando que caia dentro da designação *columbarium* com que a investigação por vezes designa esta solução itálica aplicada a mausoléus, muito vulgarizada a partir da época de Augusto (Borbonus, 2014). Na realidade, o caso presente corresponde a um edifício sepulcral provavelmente cláudio-neroniano, com uma planta rectangular similar a múltiplos congéneres datáveis de momentos mais dentro do século I d.C. e do século II d.C., como em Isola Sacra-Óstia ou na Necrópole do Vaticano-Roma, com dimensões aliás também próximas destes exemplos (vide Toynbee, 1996, pp. 87-91).

Caso distinto equivale ao edifício recentemente descoberto na Rua do Paraíso, que integraria a necrópole SE. Como os autores assinalam, a estrutura foi ali configurada *ab initio* para acolher um número pré-definido de *ossilegia* em urnas acessíveis por um vão e encastradas na própria construção laterícia, e esta particularidade remete para protótipos anteriores à cronologia de construção aferida, flávia ou antonina inicial, podendo reflectir os ritmos de aquisição dos modelos,

como aliás bem referem os mesmos autores (vide apartado, neste volume).

Próximo deste último mausoléu, segundo o testemunho de Luís Marinho de Azevedo (n. 15 - f. 1652), vertido por Júlio de Castilho no século XIX, quando na segunda metade do século XVI se abriam os alicerces para as casas de D. Pedro de Mendonça, depois conhecidas como «Palácio da Cova», se acharam soterradas “*muitas abóbodas pequenas feitas de argamassa e dentro algumas urnas de vidro grosso e outras de chumbo cheias de carvões e cinzas*” e na mesma escavação um grupo escultórico em bronze de duas figuras abraçadas que se julgou representar os *Gemini/ Castores*, Castor e Pólux (Castilho, 1934, pp. 105-106). A referência configura, portanto, a existência de um outro edifício dotado de nichos parietais na necrópole SE, não se podendo afirmar de forma segura se ambas as construções citadas para esta zona oriental da cidade constituíam câmaras hipogeicas (subterrâneas, total ou parcialmente) de um edifício que depois se desenvolveria bastante mais em altura acima do solo.

Um outro modelo de edifício funerário equivale aquele encontrado íntegro em 1962, a este da via romana, na parte mais a norte (Ferreira, 1962). Equivale a um mausoléu de planta rectangular, de fachada mais estreita (c. 6,60 m = 22 pés) em relação à profundidade (c. 8,40 m = 28 pés). O espaço interno continha um pequeno compartimento fronteiro de aproximadamente 3 x 2,60 m apenas com comunicação com o exterior através de um vão dotado de soleira de porta em *marmora* (lito rosa escuro) de c. 1,20 m. Nas laterais a esta porta abriam-se dois outros vãos, com tratamento menos cuidado, que franqueavam o acesso ao espaço interno mediante corredores. Também no vértice mais internado se encontrava um pequeno compartimento rectangular, com probabilidade forno crematório (*ustrinum*). O destaque conferido pela posição arquitectónica e pelo tratamento construtivo

Edifícios funerários olisiponenses plausíveis

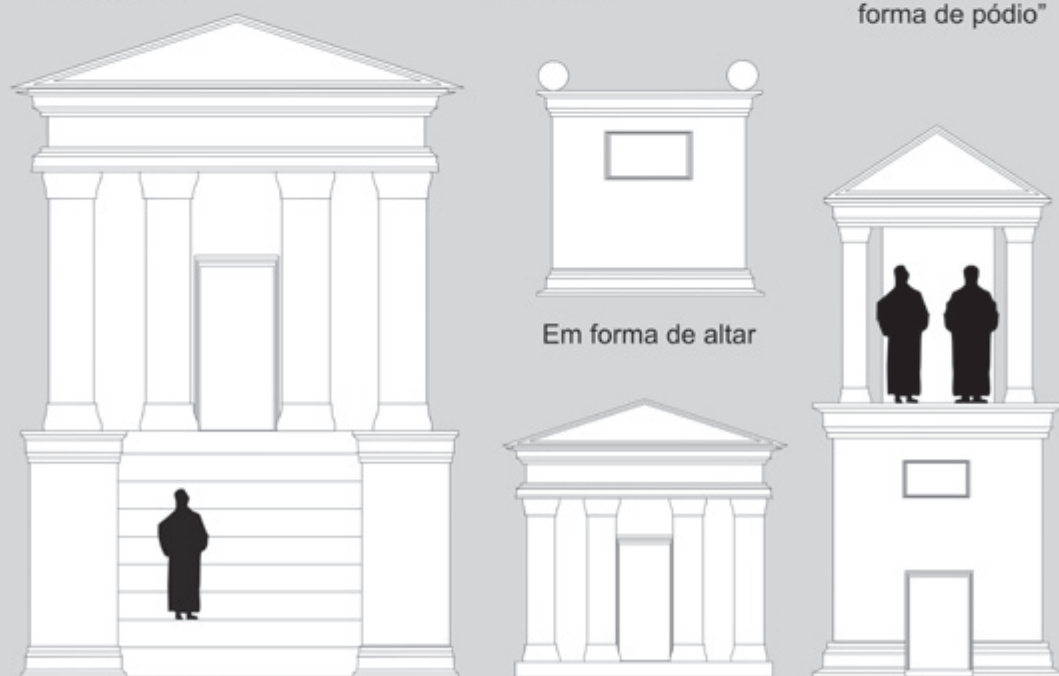


"Mausoléu familiar"

Di/Tetrapílon

Torri-formes

"Mausoléu em
forma de pódio"



Em forma de altar

Templi-formes

Templiforme de edícula

Monumentos funerários olisiponenses efectivos e plausíveis



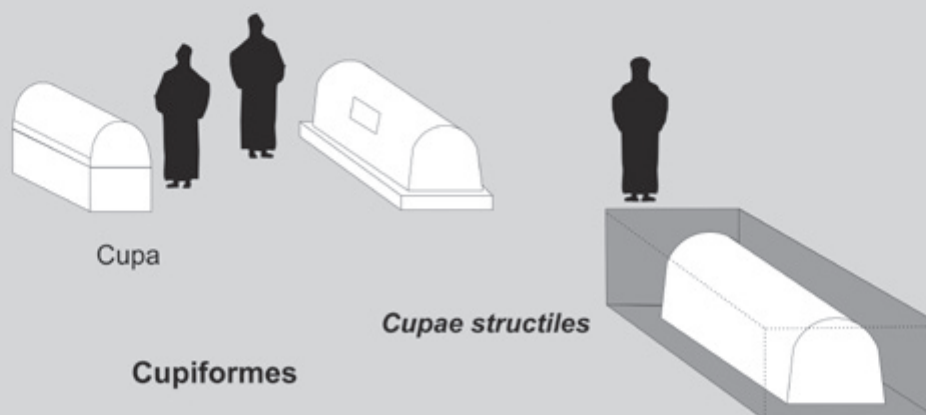
Monumentos em forma de ara



Estelas

**Estela com
edícula**

Cipo simples



diferenciado do dito compartimento demonstram tratar-se da área em realce no edifício.

O espaço interior do mausoléu possuía, no ângulo do tardo sul, junto ao possível *ustrinum*, um poço hidráulico edificado em tijolo modelado para o efeito na oficina. A inexistência de referências de escavação pode significar que se trataria de edifício desprovido de cobertura, como acontece em mausoléus de Mérida como o dos *Voconii*, podendo o seu aspecto exterior não se afastar muito deste tipo, aparte os três vãos de fachada para os quais se não conseguiu encontrar paralelo. A configuração arquitectónica do edifício que vimos descrevendo permite avançar com a hipótese de se tratar de mausoléu de carácter familiar, dotado de área para os rituais de comensalidade na traseira, datável da segunda metade do século I d.C.

Para além dos edifícios de planta baixa, a que faltaria acrescentar os oikomorfos (em forma de habitação, para já aparentemente ausentes do registo arqueológico lisboeta), a configuração dos edifícios funerários romanos conheceu, entre os séculos I a.C. e III d.C., um processo de forte desenvolvimento do carácter monumentalizante da sua arquitectura e que se irá traduzir em tipologias variadas desenvolvidas em corpos múltiplos sobrepostos, por vezes atingindo alturas acentuadas. A nomenclatura técnica enuncia uma pluralidade de termos, como arci-formes, circulares de coroamento cónico, de nichos absidiais sobre pódio, torres, turriformes, templiformes, em forma de sarcófago, em forma de altar, *dipílon* (duas colunas encimadas por uma arquitrave sobre um pódio), *tetrapílon* (quatro colunas encimadas por uma arquitrave sobre um pódio), pódios coroados por corpos piramidais, pódios cantonados por quatro corpos cónicos, ..., mas que em época romana se abrigavam simplesmente pelo nome genérico de mausoléu. As edificações com a natureza descrita utilizaram também as múltiplas técnicas construtivas e decorativas

à disposição, do grande aparelho composto por blocos de pedra cuidadosamente lavrados (silhares) ao cimentício, da alvenaria de pedra à alvenaria de tijolo (laterício), ao revestimento por placas de *marmora*, reboco ou estuque, pintura, escultura e baixo-relevo.

É mais do que plausível que várias das morfologias arquitectónicas antes citadas tenham estado presentes nas paisagens funerárias das necrópoles e núcleos olisiponenses, mas o já aludido desmembramento das construções em época tardia romana torna complexa a tarefa de distinguir formatos concretos, para não dizer quase impossível. As evidências que deles dispomos são indirectas e inseguras, equivalendo a troços isolados de coluna, de cornija ou arquitrave, a capiteis e troços de fuste de coluna, onde o pequeno módulo sugere uma aplicação privada, que tanto pode ser doméstica como funerária, a silhares e outros elementos arquitectónicos... Mas também vale a pena invocar as peças da epigrafia funerária olisiponense, designadamente algumas das placas molduradas de alguma dimensão, sobretudo aquelas produzidas em finos mármore brancos alentejanos que implicaram maior capacidade económica na sua aquisição (o que o conteúdo dos textos parece confirmar em função da composição social dos nelas identificados): estas inscrições decerto funcionariam como o elemento identificador neste tipo de monumentos, porém igualmente sobre edifícios de planta baixa colocados sobre as vergas das portas, o que os invalida como critério metodológico de distinção.

Pode, contudo, afirmar-se que uma inscrição olisiponense estará mais provavelmente associada a um qualquer formato de mausoléu torriforme, pelo menos. Referimo-nos a um pequeno fragmento em mármore branco alentejano procedente das escavações de 1962 na Praça da Figueira e que se expõe no Museu de Lisboa-Palácio Pimenta. Ele conserva, em letra de pequeno talhe, parte de um texto

onde se enunciam sucessivos sepultamentos de vários indivíduos, sobrevivendo somente o texto (traduzido) de (...)o(... fulano/a), aqui jaz, Gemelo/a, de x anos, aqui jaz, não se percebendo se a inscrição prosseguia depois. A circunstância da fórmula *Hic Situs Est* (aqui jaz) estar gravada em letra de maior dimensão, com as duas linhas a que corresponde a nomeação de Gemelo/a e da sua idade acondicionadas com dificuldade ao pouco espaço disponível e também por isso mal paginadas, significa que a gravação alusiva a Gemelo/a foi feita em lugar previamente preparado e após a placa estar colocada no monumento (ver apartado sobre a epigrafia da Necrópole NO, neste volume). Ora, esta é, justamente, uma prática corrente em edifícios funerários torri-formes, onde no letreiro se iam acrescentando as gravações dos nomes dos defuntos sucessivamente acolhidos no monumento.

O núcleo funerário da Praça da Figueira revelou também seis maciços em cimentício (*opus caementicium*), embasamentos de assinalável robustez destinados a construções funerárias. De planta quadrangular, ou com essa tendência, apresentavam medidas variáveis entre 5 m e 3,40 m de lado (4,70 x 5,00 m; 4,80 x 4,80 m; 4,80 x 4,00 m; 4,20 x 4,20 m -2x; 3,60 x 3,40 m). As espessuras aferidas eram bastante aproximadas, entre os 1,20-1,40 m, e apenas num caso de 0,80 m. Os elevados volumes de riço cimentício destas fundações (entre 14 e 32 m³) foram a solução edilícia adoptada para um solo essencialmente areno-argiloso, portanto de qualidade inferior para a construção, procurando formar um assentamento estável para a superestrutura a suportar.

Num dos embasamentos, de um grupo de três mais tardios dentro do grupo (século II d.C. avançado ao III d.C. - ver apartado Praça da Figueira, neste volume), preservava-se ainda a cara superior do maciço, que mostrava as marcas do assentamento de grandes blocos de pedra aparelhada (silhares de “grande aparelho”). Esta observação,

aliada à robustez da solução de engenharia romana adoptada, pressupõe para qualquer dos seis maciços uma super-estrutura pesada, bem mais consentânea com monumentos de maior complexidade arquitectónica, provavelmente de corpos sobrepostos, sendo impossível discernir os tipos.

No espectro destes monumentos complexos incluem-se os denominados templiformes, que se disseminam da Itália para as províncias ocidentais, documentando-se em números às restantes tipologias (Vaquerizo, 2001a; 2001b). O seu desenvolvimento relaciona-se com o fenómeno da evolução progressiva do culto aos mortos para uma para uma certa forma de “deificação”, que se manifesta de maneira mais generalizada a partir dos meados do século I d.C. através da menção textual nas inscrições aos *Diis Manibus* (Deuses Manes, entidade colectiva e abstracta), e que se reflecte em morfologias arquitectónicas que remetem para o carácter em certo sentido divino dos defuntos e antepassados.

A designação de templiforme abriga ela própria uma multiplicidade de soluções formais, das quais se destacam duas: os edifícios erigidos com uma base em forma de pódio de templo, dotados ou não de vão de acesso a uma câmara sepulcral interna, coroado por uma edícula onde muitas vezes se colocava a imago do(s) defunto(s) em estátua; de carácter bem distinto dos anteriores são os mausoléus que reproduzem de perto um dos vários modelos arquitectónicos de templo romano, muitas vezes de grande dimensão por comparação com os restantes edifícios fúnebres. Os primeiros equivalem a um tipo do qual se podem observar múltiplos exemplares nas necrópoles de Pompeia (que lhe fixam uma cronologia do uso em 79 d.C.), tratando-se de modelo muito difundido na *Hispania*, bem representado por exemplares catalães e do aro valenciano, onde alguns assumem particularidades coroplásticas específicas a essas zonas e que os relacionam

com modelos do Oriente do Império (González Villaescusa, 2001, p. 117; Martínez Pérez, 2015).

As evidências lisboetas para a presença de edifícios templiformes do tipo pódio-edícula é escassa, indirecta e não despida de contro-
vérsia. Ela equivale a diversos sofinos (peças ornamentadas que coroavam o tecto interior de uma arquitrave de um pórtico) em reutilização na muralha da cidade. Produzidos em lioz rosado, qualquer deles ostenta decoração em baixo-relevo com motivos florais (polifóleos) de cuidado labor. Para dois destes elementos de decoração arquitectónica visualmente muito similares, encontrados numa escavação municipal recente no Arco de Jesus da «Cerca Velha», foi aventada já a hipótese de terem integrado um edifício público olisiponense (Lídia Fernandes, seg. Filipe *et al.*, 2020, p. 61). A sua dimensão reduzida (por comparação com as arquitecturas públicas que conhecemos para a cidade), a distinta modulação de ambos, a despeito da sua estreita afinidade visual, e o paralelo próximo com um exemplar de Sintra que se conserva no Museu de São Miguel de Odrinhas, com propriedade interpretado como elemento integrante de monumento funerário (Campos, 2019, p. 116, nesta colecção), afiguram-se como argumentos suficientes a favor de uma associação dos elementos arquitectónicos citados a monumentos funerários templiformes do tipo pódio-edícula. Às peças oriundas do Arco de Jesus deverá aliás acrescentar-se um outro sofino com um polifóleo mais elaborado, aparentemente em mármore alentejano, ainda hoje visível encastrado na cara sul da torre medieval do Palácio Belmonte, igualmente pertencente à «Cerca Velha».

A mais que provável presença deste tipo de monumentos nas necrópoles urbanas olisiponenses faz levantar uma outra perturbante inquietação...

A descoberta do pódio de um templo no sítio das Pedras Negras, em 1749, foi feita de permeio com inscrições (das quais duas

ligadas ao culto da Deusa Cíbele, duas de carácter público, político, e uma funerária, perdida, tida por falsa desde o próprio descritor dos achados, o Padre Tomás Caetano de Bem - vide Silva, 1944, pp. 50-54 e 128-129, n.º 29) e diverso material construtivo: Bem repertoria-nos 7 colunas com um módulo de dois palmos (c. 44/5 cm = 1 ½ pé romano), das quais três preservando ainda 2,20 m de altura, um capitel jónico, duas bases, entre vários outros material arquitectónico incluindo *marmora* (Castilho, 1934, pp. 110-111). A presença das inscrições dedicadas à deusa oriental valeu à construção ter sido, desde o século XVIII até à década de 1970, interpretada como restos de um «Templo de Cibele». Ulteriormente, alguma da investigação mais recente associou a construção ao templo pertencente ao fórum municipal (Alarcão, 1994; Ribeiro, 1994; Silva, 1999; ... de uma muito longa lista), sendo a localização do centro cívico de *Felicitas Iulia Olisipo* o problema primordial da Lisboa Romana que continua a desafiar a investigação (vide Fabião, 2020, nesta colecção). As características construtivas e as dimensões parciais relatadas são, de facto, monumentais, e referem-se a um pódio não totalmente exumado aquando da sua descoberta. Por vezes, como no caso do monumento funerário templiforme da Plaza de San Nicolás, descoberto em 2002 em Valencia (Espanha), os edifícios funerários templiformes reproduzindo templos propriamente ditos atingem dimensões consideráveis: no caso valenciano o pódio e as colunas (base, fuste e capitel) elevavam-se a cerca de 6 m de altura (Ruiz Val *et al.*, 2003; Martínez Pérez, 2015, p. 106), apresentando-se com 6,40 m de frente e cerca de 14 m de profundidade (Arnau *et al.*, 2003). É, portanto, maior que alguns templos de fóruns de algumas pequenas cidades provinciais hispanas! O caso da cidade da costa oriental da *Hispania* encerra uma cronologia de finais do século I d.C.- inícios do século II d.C. (Arnau *et al.*, 2003, p. 186), mas significativamente tem

bem esclarecido o enquadramento funerário porque está inserido na necrópole oriental da cidade, ao contrário do caso lisboeta. O «Templo de Cibele» está em posição marginal face ao que se supõe do perímetro urbano propriamente dito, e dos usos romanos do entorno temos um desconhecimento não resolvido pelas escavações ali conduzidas recentemente (Fabião, 2020). O módulo (diâmetro) das colunas lisboetas, embora admissível num templo foral, parece todavia modesto para uma cidade como *Olisipo*, não sendo por isso argumento decisivo a favor de uma ou de outra função para o edifício: pode tratar-se ainda assim do templo foral, como de um outro templo, mas temos de admitir a hipótese, mesmo que académica, de que possa ter sido afinal um grande monumento funerário templiforme colocado na imediata proximidade da cidade para afirmar o *status* social pessoal e/ou familiar do seu(s) promotor(es)...

Outra tipologia arquitectónica, a do monumento em forma de altar, resulta do mesmo fenómeno de “deificação” dos mortos verificada a partir dos meados do século I d.C. a que antes se fez alusão. Sob esta designação genérica de monumento se escondem formatos diversificados, que em síntese poderíamos dividir em dois tipos maiores: por um lado o edifício em forma de altar, onde o corpo paralelepipedico é oco e deixa espaço no seu interior para o uso sepulcral, sendo depois coroado por dois pulvinos opostos (em latim *pulvinum* significa, literalmente, almofada, equivalendo a dois toros), por vezes provido de frontão triangular central, compondo uma construção que pode ser mais ou menos complexa na base; por outro, o monumento em forma de ara (nome atribuído ao altar romano propriamente dito), composto por uma base em pedra moldurada, um fuste prismático monolítico depois encimado por um entablamento moldurado ou um “capitel de ara” (uma peça monolítica dotada de dois toros laterais – os pulvinos –, frontão triangular e muitas vezes

dotado no topo da zona côncava destinada aos sacrifícios, no caso funerário, libações) ou ainda pela conjugação de ambos os elementos no coroamento do bloco prismático.

O primeiro caso estará seguramente documentado em Lisboa por um único elemento, ainda hoje encastrado na «Cerca Velha» no Pátio da Senhora de Murça (Fernandes, 2020, p. 190). A reconstituição visual entretanto avançada afigura-se talvez como versão reduzida para as possibilidades de restituição, devendo antes equivaler a um edifício de corpo paralelepipedico ligeiramente maior, sublinhe-se que ainda assim de volumetria reduzida. Modelo itálico com origem no século I a.C., e que tem o seu *floruit* nas províncias ocidentais no século I d.C., a investigação tem-no vindo a identificar progressivamente como presença alargada na Hispânia (Beltrán Fortes, 1990), devendo referir-se aqui o raro caso beirão da Quinta da Fórnea (Belmonte) que preservava uma parte importante do alçado e os sepulcros respectivos (Santos e Carvalho, 2008), o que nos permite visualizar melhor a natureza deste formato de mausoléu.

Sem que possamos sustentar com base material a suposição, é plausível que este tipo de monumento tenha perdurado até às décadas centrais do século III d.C., e que a ele correspondam os três pequenos monumentos com esta cronologia de planta quadrangular encontrados na Praça da Figueira associados a sepulturas de tipo *bustum*: mais não sabemos do que se formavam em alvenaria revestida a estuque ou fresco e que projectavam um corpo paralelepipedico, sem que conheçamos o seu coroamento. A confirmar-se esta hipótese, ilustrariam um fenómeno de substituição de soluções pétreas por outras, bem conhecido da Epigrafia para o século III d.C.

Os monumentos funerários em forma de ara compostos por elementos monolíticos, por seu turno, constituem um dos modelos que gozou maior sucesso na cidade de *Olisipo* e seus *agri*. De acordo com o estudo de Ricardo

Campos (2019, nesta colecção), vulgar-se-ão somente a partir da segunda metade do século I d.C. Infelizmente, as acções de roubo de pedra dos monumentos funerários ocorrida em época romana tardia desmembrou as várias componentes dos monumentos, normalmente talhados em lioz regional rosado ou avermelhado. Temos, por isso, as bases, os corpos paralelepípedicos e os elementos de coroamento (cornijas molduradas e capiteis de ara) desarticulados e disseminados, nalguns casos impedindo-nos de discernir entre cipos propriamente ditos (elementos paralelepípedicos simples, usados isoladamente noutras composições arquitectónicas) e cipos pertencentes a aras. Nalguns casos, porém, a existência de cavidades de encaixe no topo dos blocos paralelepípedicos permite discernir tratar-se de corpo central de ara, que nalguns casos mostra também no centro uma cavidade em calote esférica destinada à deposição das cinzas e carvões rituais da cremação (*ossilegia*). No último caso, a ara constituía, portanto, o próprio *locus sepulchri*. De igual modo torna-se por vezes difícil distinguir entre bases e cornijas deste tipo de monumento das de peças idênticas que suportariam cipos de carácter honorífico e religioso da cidade e que nada tinham a ver com o universo fúnebre, pois figuravam nos espaços e edifícios públicos.

O labor em relevo dos capeamentos de ara, por seu turno, permitiu coligir um amplo conjunto regional plasticamente diversificado (Vieira, 1998), registando-se com alguma frequência o aparecimento de um ou outro novo exemplar ou fragmento de toro (pulvino) na cidade (Fernandes, 2011). O carácter dos textos, onde a presença da invocação aos Deuses Manes vem sendo interpretada como referencial cronológico, ao remeter os inícios da difusão regional do modelo de monumento para as décadas finais do século I d.C. e para um franco sucesso do tipo no século II d.C. (Campos, 2019, p. 112, nesta

colecção), conjugado com os estudos estilísticos dos capiteis de ara, que apontam para um prolongamento do uso até ao século III d.C. (Vieira, 1998; Fernandes, 2011, p. 271), colocam o monumento em forma de ara como uma das morfologias fúnebres preferencialmente adoptadas pelos olisiponenses. O tipo mostra uma elevada diversidade de dimensões (os de maior entidade são designados pela investigação por “cipos prismáticos” - Campos, 2019, pp. 113-114, nesta colecção), o que traduz a variabilidade interna derivada das escolhas ou das possibilidades de quem o adquiria.

Questão pouco aflorada é, porém, a da natureza da parte inferior do monumento funerário em forma de ara composta por peças monolíticas, manifestamente por falta de elementos. Na realidade, as aras fúnebres deste tipo não são somente aplicadas em bases molduradas simples assentes no solo, tendo que se admitir a possibilidade de outras soluções praticadas à época, pois peças similares estão assimiladas também a monumentos de base escalonada em degraus (como o túmulo dos *Statii* em Aquileia - Toynbee, 1996, p. 67, fig. 21) ou colocadas sobre altos pódios (como nas necrópoles de Pompeia).

Saídas também em abundância das oficinas de cantaria e/ou lapidária regional das zonas de Sintra/Loures e Oeiras, em liozes rosados ou avermelhados, foram as estelas de topo arredondado encimando um prisma rectangular de tendência troncocónica. A morfologia é notoriamente mais antiga que a das aras, remontando aos finais da República nos *agri* e vulgarizando-se a partir dos inícios do Império, nas etapas iniciais ainda utilizando outros tipos de pedra local calcária (Campos, 2019, p. 106). O modelo foi corrente nas necrópoles urbanas olisiponenses durante todo o século I d.C., apresentando-se em várias dimensões e quase invariavelmente isentas de decoração: a única excepção é a de uma estela que se expõe no

Museu de Lisboa-Palácio Pimenta (Silva, 1944, n.º 6, pp. 99-100), dedicada a um menino de 4 anos mencionado como cidadão, que possui na sua parte superior uma edícula com o interior rebaixado, por forma a nele se encaixar o retrato do defunto que poderia ser em metal, mármore branco ou até pintado sobre estuque. A análise detalhada da colecção do Museu de São Miguel de Odrinhas - Sintra permitiu discernir com base empírica duas soluções diferentes de colocação das estelas de topo arredondado, sobre embasamento pétreo ou de encosto à parede, porventura na fachada de edifício ou decerto apoiadas no alçado interior de recintos fúnebres (vide Campos, 2019, pp. 106-109, nesta colecção).

Outra morfologia de monumento funerário que gozou de pleno sucesso no município olisiponense foi aquele em formato de semicilindro, denominado por *cupa* dada a similitude com o barril (em latim *cupa*). O tipo predominante equivale a uma elaboração em cantaria de uma base prismática rectangular oca pelo interior, onde se depositariam os restos da cremação ritualmente seleccionados (*ossilegia*) e “mobiliário” associado, fechada por outra peça de cantaria, essa sim com o formato semicilíndrico, no caso olisiponense com um dos topos ostentando a inscrição funerária.

O modelo está muito bem representado pelos monólitos de pedra do aro do município (lizo e ocasionalmente calcário de menor qualidade), podendo ser “visitado” no Museu Arqueológico do Carmo e, sobretudo, no de São Miguel de Odrinhas - Sintra. Também no Alentejo são vulgares os que reproduzem os próprios aros de ferro dos barris (para uma análise mais compreensiva vide Campos, 2019, nesta colecção). No casco histórico antigo de Lisboa, o único achado assimilável ao tipo reporta-se ao Palácio dos Duques de Bragança anterior ao terramoto de 1755, no Chiado, onde se celebravam os Deuses Manes de *Postumius Vicillion*, falecido aos 35 anos,

monumento feito a mandado de *Postumius Florianus* ao seu piíssimo irmão (Silva, 1944, n.º 118, pp. 234-235). A indicação de que estava colocado encastrado numa parede junto ao portal da sala principal do Palácio dos Duques torna suspeita a sua origem, sugerindo tratar-se de um elemento trazido de outra área geográfica, como acontece com uma outra *cupa*, seguramente alentejana (do aro de Mértola ?), encontrada em 1902 num entulho dos jardins do Palácio dos Duques de Palmela, à Escola Politécnica (Silva, 1944, n.º 120, pp. 236-237).

No momento actual da investigação, a ausência das *cupae* compostas por dois elementos monolíticos, do panorama das necrópoles urbanas, quando são tão comuns nos *agri* olisiponenses, parece denunciar de forma clara uma escolha fúnebre própria aos habitantes da cidade.

Outras configurações de *cupae* bem distintas são as construídas em alvenaria (*cupa structilis*), para já só seguramente assinaladas na Praça da Figueira e encerrando cronologias dos séculos II d.C. e II a inícios do III d.C. (ver apartado, neste volume). Mais uma vez o modelo é de origem itálica, e conhecem-se exemplos mais antigos que os olisiponenses datados dos séculos I a inícios do II d.C., nomeadamente nas necrópoles de Óstia, o porto de Roma. Porém, na Itália o apogeu do uso deste tipo de monumento funerário data da segunda metade do século II d.C. às primeiras décadas do III d.C. cronologia concordante com a dos exemplares lisboetas.

Na Hispânia meridional conhecem-se outras variadas *cupae* em alvenaria com estas mesmas datas, valendo a pena invocar aqui, seguindo um critério de proximidade, uma pequena sepultura deste tipo de Tróia (Grândola), ou as várias de *Baelo Claudia* (Bolonha, Cádiz) ou Córdova. As *cupae* em alvenaria apresentam, todavia, diferenças consideráveis na sua forma e expressão no espaço funerário. São justamente estes

elementos de diferenciação que lhes conferem significados de índole cultural distintos, bem evocativos de como, sob uma aparente capa de homogeneidade, se oculta a multiplicidade de expressões culturais que no seu conjunto compõem a romanidade.

Qualquer das *cupae* da Praça da Figueira equivalia a sepulturas de tipo *bustum*, individuais, ou seja, erigidas em alvenaria de tijolo no próprio lugar da cremação (*ustrinum*) de um único defunto, servindo para conservar no seu interior os restos carbonizados recolhidos ritualmente (*ossilegia*). Duas das *cupae* foram instaladas em profundidade, no subsolo, e depois cobertas, significando que ficaram invisíveis na paisagem funerária do local. Este modelo tem paralelo muito próximo na capital provincial da vizinha Bética, Córdova. Existe, porém, uma dissemelhança significativa pois, ao contrário das lisboetas, as *cupae* enterradas cordovesas possuem canais (*tubulli*) que as conectavam com a superfície, permitindo por esta via as libações e a continuidade da indispensável comensalidade funerária. Significa isto que a *interpretatio* olisiponense não captou a totalidade do protótipo?

Uma terceira *cupa* da Praça da Figueira, com probabilidade do século II d.C., apresentava-se revestida pelo exterior a formigão (*opus signinum*, usado como isolante hídrico) e era um elemento claramente visível acima do nível do solo à época. Reproduz mais de perto a inspiração itálica que estará na sua origem, e onde, de novo, os detalhes a afastam dos paralelos africanos e béticos, em particular dos da cidade de *Baelo Claudia* (Bolonía, Cádiz), dado que ali não só alguns possuem *mensa* (mesa destinada à comensalidade funerária), como apresentam a característica única à escala peninsular de ostentarem um pequeno monólito no exterior de um dos topos (bétilo), por vezes antropomorfo (Jiménez, 2008).

O início das acções de roubo de pedra encetou um processo devastador da paisagem funerária urbana de *Olisipo*. O uso

sepulcral das antigas áreas não foi abandonado no imediato, mas revela que no século III d.C. o processo de transformação da lógica monumental prévia está em acelerado ponto, mostrando-se aparentemente concluído já em meados do século IV d.C. O Cristianismo, que transporta consigo uma outra concepção da morte, dos defuntos e do espaço fúnebre, é em muitas ocasiões apontado como o responsável por esta transformação. O dado arqueológico lisboeta, porém, mostra que ele se enquadra num fenómeno anterior, onde esta religião está longe de ser a responsável única...

É factível que o Cristianismo se pode presumir como vigoroso em *Olisipo* desde pelo menos o século III d.C., se atentarmos no martírio dos meninos Veríssimo, Justa e Máxima (residentes nos *agri*) em 303 ou 304 d.C., durante as perseguições promovidas durante o regime tetrárquico, mas sobretudo no facto de ter diocese plenamente organizada nos meados do século IV d.C. e dela estar à frente uma figura teologicamente importante à escala global coeva como Potâmio de Lisboa (Lamelas e Gonçalves, 2020). Não dispomos, contudo, de evidências das estruturas destes novos espaços sagrados cristãos olisiponenses do século IV d.C.

Os dados para os dois séculos seguintes não são, aliás, muito distintos. Regista-se agora, todavia, a ocorrência frequente de variados componentes de decoração arquitectónica de edifícios religiosos, invariavelmente descontextualizados, que induzem até a intuir da existência de casos concretos, como São Mamede, São Félix de Chelas ou Santos-o-Velho (Fernandes e Fernandes, 2014, 2020, o último título nesta colecção). Para os espaços e monumentos funerários desta Antiguidade Tardia de *Olisipona* mais não podemos no momento do que imaginar a sua afinidade com os que podemos hoje visitar em Mértola (Lopes, 2013), o mais destacado exemplo urbano lusitano do actual território português.

Referências

- Alarcão, J.; Delgado, M. (1969) - *Catálogo do Gabinete de Antiguidades e Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa. Antiguidades Ibéricas e Romanas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Alarcão, J. (1975) - *Fouilles de Conimbriga. V. La Céramique Commune Locale et Régionale*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Alarcão, J. (1994) - Lisboa romana e visigótica. In Arruda, A.M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Eleta, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa '94, pp. 58-63.
- Alarcão, J. (1996) - Os círculos culturais da 1ª Idade do Ferro no Sul de Portugal. In Villar, F.; Encarnação, J. de, eds. - *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 19-36.
- Almagro, M. (1955)- *Las necrópolis de Ampúrias*, vol. II. *Necrópolis Romanas y Necrópolis Indígenas* (Monografías Ampuritanas; 3). Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona, Departamento del Instituto «Rodrigo Caro» de Arqueología y Prehistoria de Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Almeida, J. M.; Ferreira, F. B. (1965) - Varia Epigraphica (Nova Série). *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade de Martins Sarmiento. 75, pp. 82-109.
- Alves-Cardoso, F.; Ramos, A.; Gomes, C. L.; Santos, C.; Pardo, E. A.; Assis, S.; Minhós, T. (2016) - Genetics in Anthropology. In Barbaro, P., ed.- *Ethnology, Ethnography and Cultural Anthropology. Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS), Developed under the Auspices of the UNESCO*. Oxford: Eolss Publishers. Disponível em WWW: (URL:<http://www.eolss.net>).
- Alves-Cardoso, F. (2018) - Palaeopathology. In López Varela, S. L., ed. - *The SAS Encyclopedia of Archaeological Sciences*. [S.l.]: Wiley-Blackwell. Disponível em WWW: (URL: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781119188230.saseas0437>).
- Alves-Cardoso, F.; Morrone, A.; Casimiro, S.; Rosa, C. (2018) - *O Que de Nós Perdura / What of Us Endures*. [Consult. em 22 Nov. 2020]. Disponível em WWW: (URL:<https://www.youtube.com/watch?v=-oGiZjAV-vo&feature=youtu.be>).
- Amaro, C. (1986) - Casa dos Bicos, notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 6, pp. 96-111.
- Andrade, C. (2001) - *Reconstituição do enchimento do esteiro da Baixa de Lisboa, estuário do Tejo. Relatório final, Praxis XXI, Projectos de investigação científica e desenvolvimento tecnológico – ciências da Terra e do espaço [contrato PRAXIS/PCNA/C/CTE/9/96]*. Lisboa: Centro de Geologia da Universidade de Lisboa.
- Angelucci, D. E. (2003) - A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia. In Mateus, J.; Moreno-García, M., eds. - *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da cultura* (Trabalhos de Arqueologia; 29). Lisboa: IPA [ISBN 972-8662-13-0], pp. 35-84.
- Angelucci, D. E. (2004) - Estudos de Geoarqueologia na Encosta de Santana. *Trabalhos do CIPA*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 62.
- Angelucci, D. E. (2008) - Geoarchaeological insights from a Roman age incineration feature (*ustrinum*) at Enconsta de Sant'Ana (Lisbon, Portugal). *Journal of Archaeological Science*, 35, pp. 2624-2633. [DOI: 10.1016/j.jas.2008.04.020].
- Angelucci, D. E.; Costa, C.; Muralha J. (2004) - Ocupação neolítica e pedogénese médio-holocénica na Encosta de Sant'Ana (Lisboa): Considerações geoarqueológicas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7 (2), pp. 27-47.
- Antunes, A. S.; Manso, C.; Oliveira, J. M. (no prelo) - Evidências apotropaicas da Idade do Ferro em Lisboa (Portugal): o recipiente com oudjat do Convento de Corpus Christi. In *X Coloquio Internacional del CEFYP. Homenaje al Profesor Jose María Blázquez. Mare Sacrum. Religión, cultos y rituales en el Mediterráneo. Cádiz, San Fernando. 13-15 de Diciembre 2017*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- Aquilé, X.; Roca, M. (eds.) (1995)- *Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial à la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (Monografies Emporitanes, 8). Empuries: Museu d'Arqueologia de Catalunya.
- Arnau, B.; García, I.; Ruiz, E.; Serrano, M. L. (2003) - El monumento funerario templiforme de la Plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-196.
- Arruda, A. M. (1999-2000)- *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2005) - O 1º milénio a.C. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um

- novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, 23, pp. 9-156.
- Arruda, A. M. (2017) - A Idade do Ferro Orientalizante no Estuário do Tejo: as duas margens do mesmo rio. In Celestino, S.; Rodriguez, E., eds. - *Território comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tago em época tartésica* (Anejos del Archivo Español de Arqueología; LXXX). Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida, pp. 283-294.
- Arruda, A. M.; Cardoso, J. L. (2015) - A necrópole da Idade do Ferro de Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 22, pp. 301-314.
- Arruda, A. M.; Covaneiro, J.; Cavaco, S. (2008) - A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira. *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 8, pp. 117-135.
- Arruda, A. M.; Lourenço, P.; Lima, J. (2015) - Bronces fenícios em Portugal: a propósito del hallazgo de um jarro piriforme en la necrópolis do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). In Jiménez Ávila, J., ed. - *Phoenician Bronzes in Mediterranean*. Madrid: Real Academia de la Historia, pp. 443-452.
- Arruda, A. M.; Pereira, C.; Pimenta, J.; Sousa, E.; Mendes, H.; Soares, R. (2016) - As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid: Universidad Autónoma. 42, pp. 79-101.
- Arruda, A. M.; Sousa, E.; Antunes, A. S. (2020) - As origens de Olisipo: uma perspectiva sobre a Idade do Ferro na cidade e seu entorno. In Guerra, A.; Freitas, M. C.; Cachão, coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo: O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 80-97.
- Avial-Chicharro, L. (2018) - La medicina romana en Hispania a través de la cultura material. In *III Jornadas de Jóvenes Investigadores en Arqueología*. Madrid: Asociación Jóvenes Investigadores en Arqueología. ¡Excavemos, pp. 400-422.
- Barroca, M. J. (2000) - *Epigrafia Medieval Portuguesa (846-1422)*. Anexos, Índice, Bibliografia e Estampas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, II.
- Barros, P.; Branco, G.; Duarte, C.; Correia, J. (2008) - A cista dos Gregórios (Silves). *Xelb*. Silves: Câmara Municipal de Silves. 5, pp. 41-52.
- Baten, J.; Blum, M. (2012) - Growing tall but unequal: New findings and new background evidence on anthropometric welfare in 156 Countries, 1810–1989. *Economic History of Developing Regions*. [S.l.]: Economic History Society of Southern Africa, Routledge, 27 (1), pp. 66-85.
- Bejarano Osorio, A. M. (2015) - *La medicina en la Colonia Augusta Emerita*. (Colección de Estudios Históricos de la Lusitania; 9). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- Beltrán Fortes, J. (1990) - Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 63, pp. 183-226.
- Bernal Casasola, D.; García Giménez, R. (1995) - Talleres de lucernas en *Colonia Patricia Cordoba* en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 6, pp. 175-216.
- Blaizot, F.; Tranoy, L. (2004) - La notion de sépulture au Haut-Empire. Identification et interprétation des structures funéraires liées aux crémations. In Baray, L., dir. - *Archéologie des pratiques funéraires. Approches critiques, Actes de la table ronde de Glux-en-Glenne. 7-9 juin 2001* (Bibracte; 9). Glux-en-Glenne: Centre Archéologique Européen du Mont-Beuvray, pp. 171-187.
- Bolila, C. (2011) - *A terra sigillata de tipo itálico da Praça da Figueira (Lisboa)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Bonifay, M. (2004) - *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique* (British Archaeological Reports, International Series; 1301). Oxford: Archaeopress.
- Borbonus, D. C. (2014) - *Columbarium tombs and the collective identity in Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowersock, G. W.; Brown, P.; Grabar, O. (2000) - *Late Antiquity: a Guide to Post-Classical World*. Harvard: Harvard University Press, 2nd Ed.
- Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Branco, F. C. (1961) - Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 91, pp. 61-75.
- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 16, pp. 243-275.
- Bussière, J. (2000) - *Lampes antiques d'Algérie*. (Monographies Instrumentum; 16). Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- Bustamante Álvarez, M. (2012) - Las cerámicas comunes altoimperiales de Augusta Emerita. In Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., coords. - *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regiona-*

- les. Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, pp. 407-433.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B.; Carvalho, L. M.; Lourenço, M. (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.
- Cabaço, N.; Lourenço, M.; Silva, R. B. (2019) - O compasso do espaço da necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era-Arqueologia. 13, pp. 47-54.
- Caessa, A.; Mota, N. (2011) – 410. Estela funerária do Largo do Contador-Mór, em Lisboa (Conventus Scallabitanus). *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 91.
- Caetano, J. C. (2002) - Nécropoles e ritos funerários no Occidente da Lusitania Romana. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001*. Córdoba: Seminario de Arqueologia / Universidad de Córdoba. I, pp. 313-334.
- Caetano, M. T. (2006) - Mosaicos de Felicitas Iulia Olisipo e do seu ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Colibri / Instituto de História da Arte da FCSH/NOVA. 2, pp. 22-35.
- Campos, R. (2012) – As *cupae* do ager Olisiponense. In Andreu Pintado, J., ed. - *Las cupae Hispanas. Origen, difusión, uso, tipología*. Zaragoza: Fundación Uncastillo, pp. 451-477.
- Campos, R. (2019) - A diversidade dos monumentos epigráficos funerários no ager olisiponensis. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio / Câmara Municipal de Lisboa, pp. 101-117.
- Cardoso, H. F. V.; Garcia, S. (2009) - The Not-so-Dark Ages: Ecology for human growth in Medieval and Early Twentieth Century Portugal as inferred from skeletal growth profiles. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 138 (2), pp. 136-147.
- Cardoso, H. F. V.; Gomes, J. E. A. (2009) - Trends in adult stature of peoples who inhabited the modern Portuguese territory from the Mesolithic to the late 20th century. *International Journal of Osteoarchaeology*. Chichester: John Wiley & Son. 19 (6), pp. 711-725.
- Cardoso, H. F.; Abrantes, J.; Humphrey, L. T. (2014) - Age estimation of immature human skeletal remains from the diaphyseal length of the long bones in the postnatal period. *International Journal of Legal Medicine*. Munique: Springer. 128 (5), pp. 809-824.
- Cardoso, H. F.; Meyers, J.; Liversidge, H. M. (2019) - A reappraisal of developing deciduous tooth length as an estimate of age in human immature skeletal remains. *Journal of Forensic Sciences*. Colorado Springs: American Academy of Forensic Sciences. 64 (2), pp. 385-392.
- Cardoso, J. L. (2000) - Manifestações funerárias da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (II e I milénios a.C.): breve síntese. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. 5, pp. 61-100.
- Cardoso, J. L. (2004) - *A Baixa Estremadura, dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras.
- Carrol, M. (2011) - Infant death and burial in Roman Italy. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge: University Press. 24, pp. 99-120.
- Carroll, M. (2018) - *Infancy and Earliest Childhood in the Roman World (a fragment of time)*. Oxford: Oxford University Press.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. (2013) - Enterramentos infantis tardo-antigos na rua de S. Nicolau (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 859-863.
- Casimiro, C.; Prata, S.; Silva, R. B. (2016) - Enterramentos infantis em contextos não funerários na Alta Idade Média. In Inglês, J. L.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Farelo, M.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gentes, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 37-55.
- Casimiro, S.; Alves-Cardoso, F.; Silva, R. B.; Assis, S. (2017) - *¿Requiescat in pace?* Abordagem transdisciplinar a possíveis casos de enterramentos atípicos identificados na necrópole noroeste de *Olisipo*. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., coords. - *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1215-1227.
- Castilho, J. (1934) - *Lisboa Antiga. Segunda Parte - Bairros Orientais* (2.ª Ed. anotada por A. A. Vieira da Silva). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, I.
- Chapa Brunet, T. (2001-2002) - La infancia en el mundo ibérico a través de las necrópolis de El Cigarralejo (Mula, Murcia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad de Murcia. 16-17, pp. 159-170.
- Christol, M. (2009) - Les cités de droit latin en Gaule méridionale. In Hurlet, F., ed. - *Rome et l'Occident (II siècle av. J.-C.-II siècle apr. J.-C.)*. Gouverner l'Empire. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 315-358.

- Correia, V. ([1928] 1972) - Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. *Obras. Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. IV, pp. 169-179.
- Costa, C.; Duarte, C.; Muralha, J. (2006) - Associações de restos de *Equus asinus* ao núcleo de necrópole romana da Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). In Bicho, N., ed. - *Animais na Pré-História e Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro. 14 a 19 de Setembro de 2004*. Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, pp. 105-116.
- Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Lopes, V.; Bugalhão, J.; Cascalho, J.; Andrade, C.; Rocha, A. (2018) - As praias fluvio-estuarinas da Idade do Ferro e Período Romano da Baixa de Lisboa, Portugal. In Bernardes, J. P.; Etchvarne, C.; Lopes, M. C.; Costa, C., eds. - *Arqueologia Urbana em Centros Históricos*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 256-273.
- Costa, M. C. (2010) - *Redes Viárias de Alenquer e suas Dinâmicas. Um estudo de arqueogeografia*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- De Man, A. (2008) - *Defesas Urbanas Tardias*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Doutoramento).
- De Man, A.; Silva, R. B. (2016) - Um refinamento de dados alto-medievais do Palácio dos Condes de Penafiel. In Fontes, J. L. I.; Oliveira, L. F.; Tente, C.; Martins, M. G., coords. - *Lisboa Medieval. Gente, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos; 15). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 57-65.
- Dias, M. M. A. (1984) - Um epitáfio romano achado em Lisboa. *Euphrosyne - Revista de Filologia Clássica*. Lisboa: Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Nova Série. 12, pp. 235-238.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. I. S. (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. M. D. (1994) - 284. Fragmento de Sepultura Paleocristã. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, p. 232.
- Diogo, A. M. D. (1997) - 261. Inscrição paleocristã do Palácio Penafiel, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Anexo de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 56.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) - 288. Fragmento de inscrição paleocristã da Rua das Pedras Negras, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 63.
- Dwight, T. (1894) - Methods of estimating the height from parts of the skeleton. *Medical Record*. Washington: Washington Institute of Medicine. 46 (10), pp. 293-296.
- Edmonson, J. (2009) - New light on doctors, medical training and links between *Augusta Emerita* and *Olisipo* in the mid-first century A.D. In *Espacios, usos y formas de la epigrafía hispana en épocas antigua y tardoantigua: Homenaje al Dr. Armin U. Stylow*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 48). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 117-129.
- Encarnação, J.; Fernandes, L. (1997) - Urna cinerária romana da Praça da Figueira. *Olisipo*. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa. II Série. 5, pp. 15-19.
- Encarnação, J.; Leitão, M.; Leitão, V. (2015) - 548-550. Inscrições de Olisipo identificadas na "Cerca Velha". *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 131.
- Encarnação, J.; Pina, M. J. (2018) - Pega de cerâmica com o voto VTF. *Ficheiro Epigráfico - Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 169.
- Fabião, C. (1994) - Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa. *Penélope-Ler e Desfazer a História*. Lisboa: Edições Cosmos, Cooperativa Penélope. 13, pp. 147-162.
- Fabião, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do actual território português*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Fabião, C. (2020) - Em busca do fórum de Olisipo. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 15-25.
- Faria, A. M. (1995) - Plínio-O-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas Hispano-Romanas localizadas no actual território português. *Vipasca - Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 4, pp. 89-99.
- Fernandes, L. M. M. (1997) - *Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Fernandes, L. (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 14, pp. 263-211.
- Fernandes, L. (2020) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo* ou como a cidade se mostrou. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de re-*

- apresentação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 190-213.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção Geral do Património Cultural. 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. (2020) - Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana – Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 215-231.
- Ferreira, F. A. R. B. (1962) – *Diário das Escavações Sistemáticas na Praça da Figueira, em Lisboa*. Lisboa: Junta Nacional da Educação (manuscrito – exemplar policopiado a partir de microfilme).
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni, P., eds. - *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) - Ex Officina Hispana. Tarragona. 10-13 de diciembre de 2014 (Monografías Ex Officina Hispana; III). Tarragona: SECAH e ICAC - Institut Català d'Arqueologia Clàssica, pp. 423-445.
- Filipe, V. M. S. (2019) - *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica: economia e comércio entre a República e o Principado*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Filipe, V.; Leitão, M.; Leitão, V.; Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R. (2020) - As muralhas de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Fabião, C., coord. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A morfologia Urbana*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 47-71.
- Filipe, V.; Santos, R. (2020) - Banhos termiais na Rua da Adiça, Alfama. In Fernandes, L.; Fernandes, P., coords.- *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. A capital urbana de um município de cidadãos romanos. Espaços de representação da cidadania*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 81-85.
- Fully, G. (1956) - Une nouvelle méthode de détermination de la taille. *Annales de Médecine Légale, de Criminologie et de Police Scientifique*. Paris: Société Française de Médecine Légale. 35, pp. 266-273.
- Garcia, S. (2019) - Crescer na cidade de Leiria na Baixa Idade Média: As evidências osteológicas. *Anais Leirenses - Estudos & Documentos*. Leiria: Hora de Ler. 4, pp. 265-284.
- García Prósper, E.; Polo Cerda, M.; Guérin, P. (2002-2003) - Rituales funerários ibéricos en la necrópolis fundacional de Valencia. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 13-14, pp. 279-310.
- Garnsey, P. (1998) - Child rearing in ancient Italy. In Scheidel, W., ed. - *Cities, Peasants and Food in Classical Antiquity: Essays in Social and Economic History*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 253-271.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Guerra, S.; Mendes, H.; Ribeiro, S.; Valongo, A.; Pinto, P. (2003) - Castelo de São Jorge: Balanço e perspectivas dos trabalhos arqueológicos. *Património Estudos*. Lisboa: IGESPAR. 4, pp. 214-223.
- Gomes, F. B. (2013) - Uma necrópole esquecida? O Casalão de Santana (Sesimbra). *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/CEFYF. 6, pp. 77-94.
- Gomes, F. B. (2016) - *Contactos Culturais e Discursos Identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Gonçalves, D. (2007) - *Funus. Recomendações para a escavação e análise em laboratório de cremações em urna*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A.; Angelucci, D. (2010) - The Roman Cremation burials of Encosta de Sant'ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 13, pp. 125-144.
- González Villaescusa, R. (2001) - *El mundo funerário en el País Valenciano. Monumentos funerários y sepulturas entre los siglos I a. de C. y VII d. de C.* Madrid e Alicante: Casa de Velasquez, Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert».
- Gowland, R. L.; Chamberlain, A.; Redfern, R. C. (2014) - On the brink of being: Re-evaluating infanticide and infant burial in Roman Britain. In Carroll, M.; Graham, E.-J., eds. - *Infant Health and Death in Roman Italy and Beyond* (Journal of Roman Archaeology Supplementary Series; 96). Durham: Durham University Library, pp. 69-88.
- Guerin, P.; Martínez Valle, R. (1987-1988) - Inhumaciones infantiles en poblados ibéricos del área valenciana. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 21, pp. 231-265.
- Guerra, A. (2003) - Algumas notas sobre o Mundo Ru-

- ral do Território Olisiponense e as suas Gentes. In Santos, A. R.; Rodrigues, N. S.; Kuznetsova-Resende, T.; Guerra, A., eds. - *Mundo Antigo. Economia Rural*. Lisboa: Colibri, pp.123-150.
- Guerra, A. (2006) - Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 2, pp. 271-297.
- Guerra, A.; Reis, S. H. (2018) - Ser médico e aprender medicina na Lusitânia romana. *Cuadernos de Arqueología*. Pamplona: Universidad de Navarra. 26, pp. 19-48.
- Guerra, A. (2019) - Onomástica, realidade social e vida pública em *Olisipo*. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 12-29.
- Guerra, S.; Sousa, E. (no prelo) - Intervenções no Largo de Santa Cruz do Castelo 6-7: dados preliminares sobre a ocupação da Idade do Ferro.
- Gusi, F.; Muriel, S. (2008) - Panorama actual de la investigación de las inhumaciones protohistóricas del sudoeste mediterráneo europeo. Nasciturus, Infans, Puerulus vovis mater terra. In Gusi, F.; Muriel, S.; Olaria, C., eds. - *Una visión de la infancia desde la osteoarqueología: de la Prehistoria reciente a la Edad Media*. Castelló: Diputación de Castelló, pp. 257-329.
- Han, S.; Betsinger, T. K.; Scott, A. B. (2017) - *The anthropology of the fetus: Biology, culture and Society*. New York: Berghahn.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. Londres: British School at Rome.
- Harlow, M.; Laurence, R. (2001) - *Growing up and growing old in ancient Rome. A life course approach*. London: Routledge.
- Harlow, M.; Laurence, R.; Vuolanto, V. (2007) - Past, present and future in the study of Roman childhood. In Crawford, S.; Shepherd, G., eds. - *Children, childhood and society* (BAR International Series; 1696). Oxford: Archaeopress, pp. 5-14.
- Henderson, C., Alves Cardoso, F., eds. (2018) - *Identified Skeletal Collections: the testing ground of anthropology?* Oxford: Archaeopress.
- Hilts, C. (2016) - The fragrant dead. How to treat your dead, the Roman way. *Current Archaeology*. [S.l.]: Current Publishing, 312. Disponível em WWW: (URL: <https://www.archaeology.co.uk/articles/features/the-fragrant-dead-how-to-treat-your-dead-the-roman-way.htm>) [Consultado em 17/10/2020].
- Hope, V. M. (2007) - *Death in Ancient Rome (a source-book)*. Oxford: Routledge.
- Heleno, M. (1965) - A estação lusitano-romana da Praça da Figueira. *Ethnos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. 4, pp. 305-308.
- Isings, C. (1959) - *Roman glass from dated finds* (col. Archaeologia Traiectina; II). Groningen e Jacarta: Academiae Rheno - Traiectinae Instituto Archaeologico
- Hopkins, K. (1966) - *On the probable age structure of the Roman population. Population Studies*. Oxford: Taylor & Francis Ltd. 20 (2), pp. 254-64.
- Isings, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen e Jacarta: J. B. Walters, (Archeologica Traiectina edita ab Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico).
- Jiménez, A. (2008) - Roman Settlements / Punic Ancestors. Some Examples from the Necropoleis of Southern Iberia. *Bolletino di Archeologia online. International Congress of Classical Archaeology - Meetings between in the Ancient Mediterranean*. Roma: Ministerio per I Beni e le Attività Culturali, Direzione Generale per le Antichità. Volume especial, pp. 25-43.
- Jiménez Ávila, J. (2002) - *La tourèutica orientalizante em la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- Kalb, P.; Höck, M. (1981-82) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugália*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série 2. 2-3, pp. 61-69.
- Leisner, V.; Schubart, H. (1966) - Die Kupferzeitliche befestigung von Pedra do Ouro/Portugal. *Madridrer Mitteilungen*. Madrid: Deutsches Archaeologisches Institut. 7, pp. 9-47.
- Lamelas, I. P.; Gonçalves, J. A. (2020) - *Potâmio de Lisboa. Escritos*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Leitão, M.; Fernandes, L.; Filipe, V. (2020) - *Felicitas Iulia Olisipo e a reutilização de spolia na Antiguidade Tardia: o caso do troço de muralha da Casa dos Bicos (Lisboa, Portugal)*. In Mateos Cruz, P.; Morán Sánchez, C. J., eds.- *Exemplum et Spolia la reutilización arquitectónica en la transformación del paisaje urbano de las ciudades históricas* (col. Mytra, Monografías y Trabajos de Arqueología; 7). Mérida: Instituto de Arqueología, CSIC-Junta de Extremadura. II, pp. 769-777.
- Lelekovic, T. (2012) - Cemeteries. In Migotti, B., ed. - *The Archaeology of Roman Southern Pannonia. The state of research and selected problems in the Croatian part of the Roman province of Pannonia* (BAR International Series; 2393). Oxford: Archaeopress, pp. 313-357.
- Lillo Carpio, P. (2001-2002) - Notas acerca de la incineración. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia: Universidad. 17-18, pp. 127-146.
- Loja, S.; Quaresma, J. C.; Cabaço, N.; Lourenço, M.;

- Casimiro, S.; Silva, R. B.; Alves-Cardoso, F. (2020) - O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado. In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coords. - *Arqueologia em Portugal / 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1347-1359.
- Lopes, V. A. M. (2013) - *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Huelva: Universidad de Huelva (Dissertação de Doutoramento).
- López Melero, R. (1997) - Enterrar en Urso (*Lex Ursonensis* LXXIII-LXXIV). *Studia de Historia Antigua*. Salamanca: Universidad de Salamanca. 15-16, pp. 105-118.
- Mantas, V. G. (1994) - Olisiponenses: epigrafia e sociedade na Lisboa romana. In Arruda, A. M., coord. - *Lisboa Subterrânea* (Catálogo). Lisboa: Lisboa '94, Electa Ed. e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 70-75.
- Martin Ruiz, J. A. (2009) - Estelas funerárias fenícias en Andalucía. *Herakleion. Revista Interdisciplinar de Historia y Arqueología del Mediterráneo*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/ CEFYP. 2, pp. 41-49.
- Martínez Pérez, M. A. (2015) - Monumentos funerarios romanos en la Comunidad Valenciana. Tipos y ejemplos más destacados. *ArqueoWeb*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. 16, pp. 102-123.
- Mendonça, M. C. (2000) - Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology*. [S.l.]: American Association of Physical Anthropology, John Wiley & Son. 112 (1), pp. 39-48.
- Moita, I. (1968) - Achados de época romana no sub-solo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 116-117, pp. 33-71.
- Moita, I. (1994) - *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Expo '98, Lisboa '94, Livros Horizonte.
- Morillo Cerdán, A. (1999) - *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl.
- Morris, I. (1992) - *Death-ritual and Social Structure in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mota, N.; Carvalinhos, M.; Miranda, P. (2018) - A “cerca velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M.; Prata, S., eds. - *Espaços e Poderes na Europa Urbana Medieval* (Coleção Estudos; 18). Castelo de Vide: Instituto de Estudos Medievais, pp. 495-535.
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) - Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martin Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.ª Série. 11, pp. 245 -246.
- Muralha, J.; Costa, C. (2004) - *Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz - Lisboa). Relatório da Escavação arqueológica*. Lisboa: Museu da Cidade (policopiado).
- Navascués, J. M. (1951) - *La era “...as”*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ribeiro, R.; Rocha, M.; Zamora López, J. A. (2016) - Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 19, pp. 123-128.
- Nolen, J. U. S. (1985) - *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- Olivier Foix, A.; Gómez Bellard, F. (1989) - Nuevos enterramientos infantiles ibéricos de inhumación. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*. Castelló: Diputació de Castelló. 14, pp. 51-61.
- Ortner, D. J. (2003) - *Identification of pathological conditions in human skeletal remains*. San Diego: Academic Press.
- Osuna, A. R. (2009) - *Topografía y monumentalización funeraria en Baetica: conventus Cordubensis y Astigitanus*. Tesis doctoral – Universidad de Córdoba. Córdoba: Universidad de Córdoba.
- Padez, C. (2007) - Secular trend in Portugal. *Journal of Human Ecology*. Delhi, India: Kamla-Raj. 22 (1): pp. 15-22.
- Peña, J. T. (2007) - *Roman Pottery in the Archaeological Record*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge.
- Pereira, C. (2014) - *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Pereira, C. (2018) - *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia* (O Arqueólogo Português, Série Suplementos; 9). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional.
- Pereira, M. A. H. (1975) - Objectos Egípcios do Porto do Sabugueiro (Muge). *Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 14, pp. 173-175.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8 (2), pp. 313-334.
- Pimenta, J.; Guapo, A. R.; Luna, I.; Robalo, C. (2020) - A Necrópole Pré-Romana da Berbelita, Alenquer. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. Série II. 23, pp. 26-33.

- Pimenta, J.; Mendes, H. (2010-2011) - Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 18, pp. 591-618.
- Pimenta, J. P.; Mendes, H.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Soares, R. (2014) - Do pré-romano ao Império: a ocupação humana do Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos*. Salvaterra de Magos: Câmara Municipal. 1, pp. 39-57.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Sousa, E.; Arruda, A. M. (2020) - O sítio de Vale de Tijolos e outros dados acerca da ocupação proto-histórica da margem esquerda do estuário do Tejo. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 7, pp. 6-31.
- Pirenne, H. ([1927] 1962) - *As cidades na Idade Média*. Lisboa: Ed. Europa-América.
- Quaresma, J. C. (no prelo) - The 3rd century AD in motion: new proposals on morphologic-and-chronological lamps evolution (Disc-type, Dressel 28, Dressel 27, Dressel 30 and Disc-type derived). In *Terracota lamps in Archaic, Classical, Hellenistic, Roman and Early Byzantine Anatolia: production, use, typology and distribution. An international symposium. May 16-17, 2019, Izmir, Turkey*. Izmir: Izmir Center of the Archaeology of Western Anatolia.
- Quaresma, J. C.; António, J. (2017) - Importações cerâmicas no interior da *Lusitania* durante a Antiguidade Tardia: tendências e cronologias da Casa da Medusa (Alter do Chão, Abelterium). *Pyrenae*. Barcelona: Universidad de Barcelona. 48.2, pp. 53-122.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B. (2019) - An overview on oriental commerce in the Tagus estuary region: 5th and 6th century AD late Phocaean (Irc) and Cypriot (Ird) Tableware. *RES Antiquitatis*. Lisboa: CHAM-Centro de Humanidades NOVA/FCSH. 2nd Series. 1, pp. 82-103.
- Rebelo, P.; Peça, P. (no prelo) - Intervenção arqueológica na Calçada do Lavra: dinâmicas de ocupação do espaço. Abordagem preliminar à necrópole romana. In Antunes, A. S.; Nozes, C.; Carvalhinhos, M.; Leitão, V., eds. - *Atas do II Encontro de Arqueologia de Lisboa: Arqueologia em meio urbano*. Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL.
- Rémy, B. (1998) - Les élites locales et municipales de la colonie de Vienne au Haut-Empire. *L'Antiquité Classique*. Bruxelles: L'Antiquité Classique. 67, pp. 77-120.
- Ribeiro, J. C. (1989-1990) - Romanização e romanidade na «Zona Oeste» do município olisiponense. *Jornal de Sintra*. Sintra: Jornal de Sintra-Semanário Regional Independente, 27/10/89 a 23/3/90.
- Ribeiro, J. C. (1994) - *Felicitas Iulia Olisipo* - Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2.^a Série. 3 (Especial Arqueologia na Região de Lisboa), pp. 75-95.
- Rocha, A. S. (1975) - *A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafim. Memórias e Explorações Arqueológicas* (Memórias sobre a Antiguidade; 3) Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 127-141.
- Ruiz Val, E.; Serrano Marcos, M. L.; Arnau Davó, B.; García Villanueva, M. I. (2003) - El monumento funerario templiforme de la plaza de San Nicolás, Valencia, y su contexto arqueológico. *Saguntum - Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. Valencia: Universidad de Valencia. 35, pp. 177-195.
- Rütti, B. (1991) - *Die Römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst. Katalog und Tafeln* (col. Forschungen in Augst; 13/2). Augst: Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft.
- Santos, B. S.; Pereira, S. S.; Silva, R. B.; Casimiro, S.; Detry, C.; Alves-Cardoso, F. (2020) - Ritual, descarte ou afetividade? A presença de «*Canis lupus familiaris*» na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Neves, C.; Martins, A., coord. - *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1457-1466.
- Santos, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Santos, F. J. C.; Carvalho, P. C. (2008) - Aspectos do mundo funerário romano na Beira Interior. As estruturas monumentais da Quinta da Fórnea II (Belmonte): uma primeira abordagem. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. 47, pp. 127-143.
- Scheuer, L.; Black, S. (2000) - *Developmental juvenile osteology*. London: Elsevier.
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) - A Intervenção Arqueológica urbana da Rua dos Douradores/Rua de São Nicolau (Lisboa): 1 - *A terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6 (2), pp. 401-414.
- Serrão, E. da C. (1964) - *A necrópole proto-histórica do Casalão, Sesimbra*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- Serrão, E. da C. (1974) - A estação arqueológica do Vale da Palha (Calhariz). *Estudos Arqueológicos*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1, pp. 129-142.
- Silva, A. V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo - subsídios para a história de Lisboa romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. (1987) - *A Cerca Moura*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

- Silva, F. C. (2018) - *Mundo funerário romano sob o prisma da cremação. Análise antropológica de amostras Alto-Imperiais da Lusitania*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha". Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997*. Lisboa: Câmara Municipal, DPC/DA, pp. 43-65.
- Silva, R. B. (2002) - As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de *Olisipo*. In Barros, L. M.; Henriques, F. J. R., coords. - *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997* (col. Monografias - Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 193-205.
- Silva, R. B. (2005) - As "marcas de oleiro" em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de *Olisipo* (séc. I a.C. - séc. II d.C.). Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- Silva, R. B. (2011) - *Olisipo*. In Remolà Vallverdú, J. A.; Acero Pérez, J., eds. - *El tratamiento de los Residuos Sólidos en las Ciudades de la Hispania Romana. Omenaje a Xavier Dupré Raventós (1956-2006)* (Anexos del Archivo Español de Arqueología; 60). Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 201-213.
- Silva, R. B. (2012a) - As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Silva, R. B. (2012b) - Arqueologia viária romana em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. In Pimenta, J., coord.- *Atas da Mesa Redonda "De Olisipo a Ierabriga"* (Cira Arqueologia; 1). Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 74-87.
- Silva, R. B. (2014) - A intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol: as evidências do período romano. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, pp. 178-199.
- Silva, R. B. (2015) - O contexto alto-imperial da rua dos Remédios (Alfama – Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J., coords. - *Contextos estratigráficos na Lusitânia (do Alto Império à Antiguidade Tardia)* (col. Monografias da AAP; I). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2018a) - A «via norte» de *Olisipo*: a arqueologia na Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viais e da dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A. A.; Cameira, I., coords. - *Fragmentos de Arqueologia 2: Meios, vias e trajetos...entrar e sair de Lisboa*. Lisboa: CML/DMC/DPC/Centro de Arqueologia de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, pp. 73-86.
- Silva, R. B. (2018b) - O sítio do Cemitério dos Prazeres (Lisboa): um assentamento romano no espaço rural de *Olisipo*. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: CEAX, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 6, pp. 179-187.
- Silva, R. B.; De Man, A. (2015) - Palácio dos Condes de Penafiel: A significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez Martinez, S., eds. - *X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Silves, 22 a 27 de Outubro de 2012*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-460.
- Soria, V. (2018) - *La ceramica a vernice nera italica e le imitazioni a impasto grigio in Portogallo tra il II e il I secolo a.C.: una prospettiva di studio*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Doutoramento).
- Sousa, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo* (Estudos e Memórias; 7). Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E.; Guerra, S. (2018) - A presença fenícia em Lisboa: novos vestígios descobertos no alto da colina do Castelo de São Jorge. *Saguntum*. Valencia: Universidad de Valencia. 50, pp. 57-88.
- Teixeira, S. (2019) - Os grupos servis do município. Origem, funções e ambições. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana-Felicitas Iulia Olisipo. Os monumentos epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 70-85.
- Toynbee, J. M. C. (1971) - *Death and Burial in the Roman World*. Nova Iorque: Cornell University Press.
- Toynbee, J. M. C. (1996) - *Death and Burial in the Roman World* (2.ª Ed.). Baltimore: John's Hopkins University Press.
- Trindade, L.; Diogo, A. M. D. (1999) - 284. Inscrição funerária paleocristã da Rua de São Mamede ao Caldas, em Lisboa. *Ficheiro Epigráfico-Suplemento de Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, 62.
- Trindade, L.; Ferreira, O. da V. (1965) - Acerca do Vaso «Piriforme» Tartéssico de Bronze do Museu de Torres Vedras. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa. 63-64, pp. 175-183.
- Turner-Wilson, A. (2007) - The appearance of health. The symbolic Construction of the healthy body through urban cemetery evidence from Late Iron Age and Early Roman Britain. In Croxford, B.; Ray, N.; Roth, R.; Natalie White, N., eds. - *TRAC 2006*:

- Proceedings of the Sixteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference. Cambridge, 2006.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 103-114.
- Van Driel-Murray, C. (1999) - And Did Those Feet in Ancient Time... Feet and Shoes as a Material Projection of the Self. In Baker, P.; Forcey, C.; Jundi, S.; Witcher, R., eds. - *TRAC 98: Proceedings of the Eighth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference, Leicester 1998.* Oxford: Oxbow Books Ltd., pp. 131-140.
- Van Driel-Murray, C. (2016) - 6. Fashionable Footwear: Craftsmen and Consumers in the North-West Provinces of the Roman Empire. In Wilson, A.; Flohr, M., eds. - *Urban Craftsmen and Traders in the Roman World.* Oxford: Oxford University Press, pp. 132-152.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2001a) - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2001b) - Formas arquitectónicas funerarias de carácter monumental en Colonia Patricia Corduba. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 74 (183-184), pp. 131-160.
- Vaquerizo Gil, D. V. (ed.) (2002) - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007a) - La muerte en la Hispania Romana: ideología y prácticas. In Barca Durán, F. J.; Jiménez Ávila, J., eds. - *Enfermedad, muerte y cultura em las sociedades del pasado: importancia de la contextualización en los estudios paleopatológicos: actas del VIII Congreso Nacional de Paleopatología - I Encuentro hispano-luso de Paleopatología. Cáceres, 16-19 de Noviembre de 2005.* Cáceres: Fundación Academia Europea de Yuste. I, pp. 135-158.
- Vaquerizo Gil, D. V. (2007b) - Crematio et humatio in Hispania: Cordubensium mos. In Faber, A.; Fasold, P.; Struck, M.; Witteyer, M., eds. - *Körpergräber des 1-3. Jahrhunderts in der römischen Welt. Internationales Kolloquium Frankfurt am Main. 19 - 20 November 2004* (Schriften des Archäologischen Museums Frankfurt am Main; 21). Frankfurt am Main: Archäologisches Museum Frankfurt, pp. 271-290.
- Vaquerizo Gil, D. (2019) - Planificación topográfica en las necrópolis de Colonia Patricia (ss. I a.C.-II d.C.). *Madrider Mitteilungen.* Wiesbaden: Reichert Verlag. 60, pp. 417-421.
- Vaquerizo Gil, D. (2020) - Parcelaciones funerarias en necrópolis cordubenses. Reflexiones a partir de dos hallazgos recientes. *Archivo Español de Arqueología.* Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 93, pp. 147-172.
- Vargas Cantos, S.; Vaquerizo, D. (2001) - Tipología y evolución de los ajuares. In Vaquerizo, D., coord. - *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Córdoba Romana.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba, pp. 158-161.
- Vargas Cantos, S. (2002) - El conjunto funerario de La Constancia (Córdoba). Ajuares y cronologías. In Vaquerizo Gil, D., coord. - *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano – Atas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba. 5-9 de junio, 2001.* Córdoba: Seminario de Arqueología/Universidad de Córdoba. II, pp. 297-310.
- Vasconcelos, J. L. (1900a) - 9. Incrição de Olisipo. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 173.
- Vasconcelos, J. L. (1900b) - 1. Largo de São Domingos. *O Archeologo Português.* Lisboa: Imprensa Nacional. 5, p. 283.
- Vieira, C. J. C. (1998) - *Capitéis de ara do municipium olisiponense.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Mestrado).
- Vieira, V. (2012) - Os Mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa, em Alfama. *Portugal Romano.com. Revista de Arqueologia Romana.* [S.l./s.n.]. 3, pp. 117-124.
- Vieira, V. A. C. N. (2011) - *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Dissertação de Mestrado).
- Vilaça, R.; Cruz, D. J.; Gonçalves, A. (1999) - A Necrópole de Tanchoal dos Patudos (Alpiarça, Santarém). *Conimbriga.* Coimbra: Universidade de Coimbra. 38, pp. 5-29.
- Zamora López, J. A. (2005) - La práctica de escribir entre los primeros fenicios peninsulares y la introducción de la escritura entre los pueblos paleohispánicos. *Acta Paleohispanica.* Barcelona: Universidad de Barcelona. 5, pp. 155-192.

Lista de Autores

ANA LEMA SEABRA

ICArEHB - Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

asbr73@gmail.com

ANA MARGARIDA ARRUDA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa

A.M.Arruda@letras.ulisboa.pt

ANA SOFIA ANTUNES

Centro de Arqueologia de Lisboa/ Departamento
de Património Cultural/ Direção Municipal
de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
Uniarq - Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa.

ana.sofia.antunes@cm-lisboa.pt

CATARINA BOLILA

Neoépica, Ld.^a

catarinabolila@hotmail.com

CIDÁLIA DUARTE

Direção Geral do Património Cultural.

cidalia2010@gmail.com

CLÁUDIA COSTA

ICArEHB-Interdisciplinary Center for
Archaeology and Evolution of Human Behavior.
FCHS - University of Algarve.

cmcosta@ualg.pt

CLÁUDIA MANSO

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

claudia.manso@chimerapatrimonio.pt

DAVID GONÇALVES

LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório de Arqueociências
FCSH/NOVA. Direção Geral do Património Cultural.

davidmiguelgoncalves@gmail.com

DIEGO ANGELUCCI

Università degli Studi di Trento. Uniarq - Centro
de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

diego.angelucci@unitn.it

ELISA DE SOUSA

Uniarq - Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.

e.sousa@campus.ul.pt

ÉVER CALVO

Era-Arqueologia, S.A.

evercalvo@era-arqueologia.pt

FRANCISCA ALVES-CARDOSO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FSCH/NOVA.

francicard@fcsh.unl.pt

HELENA PINHEIRO

Neoépica, Ld.^a

helenapinho.neoeptica@gmail.com

JACINTA BUGALHÃO

Direção Geral do Património Cultural.

jacintabugalhao@gmail.com

JOANA REIS

Neoépica, Ld.^a

joana.arqueologia@gmail.com

JOÃO MURALHA

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências
do Património da Universidade de Coimbra

jmuralha@gmail.com

JOSÉ CARLOS QUARESMA

CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/
NOVA; Departamento de História FCSH/NOVA.

josecarlosquaresma@gmail.com

JOSÉ MIGUEL OLIVEIRA

Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património
e Território da Universidade do Minho.
Chimera - Património Cultural.

jose.oliveira@chimerapatrimonio.pt

MANUELA LEITÃO

Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
IEM - Instituto de Estudos Medievais FCSH/NOVA.

manuela.m.leitao@cm-lisboa.pt

MARINA LOURENÇO

Era-Arqueologia, S.A.

marinalourenco@era-arqueologia.pt

Lista de Autores (cont.)

NATHALIE ANTUNES-FERREIRA

Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz/
Instituto Universitário Egas Moniz; Laboratório de
Ciências Forenses e Psicológicas Egas Moniz/ Egas
Moniz Cooperativa de Ensino Superior. LABOH -
Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia
Humana FCSH/NOVA; CRIA - Centro em Rede
de Investigação em Arqueologia FCSH/NOVA.

naferreira@egasmoniz.edu.pt

NÉLSON CABAÇO

Era-Arqueologia, S.A.

nelsoncabaco@era-arqueologia.pt

NUNO NETO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PAULO BOTELHO

Engobe – Arqueologia e Património, Ld.^a

PAULO REBELO

Neoépica, Ld.^a

neoepica@gmail.com

PEDRO FERNANDES

Neoépica, Ld.^a

pedromqfernandes@gmail.com

PEDRO PEÇA

Neoépica, Ld.^a

pedropeca@gmail.com

RAQUEL GRANJA

Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade
de Lisboa. CIAS - Centro de Investigação
em Antropologia e Saúde da Universidade de
Coimbra. LARC/CIBIO/InBIO - Laboratório
de Arqueociências FCSH/NOVA. Direção
Geral do Património Cultural.

raagranja@gmail.com

RODRIGO BANHA DA SILVA

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/ Direção
Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa.
CHAM - Centro de Humanidades FCSH/NOVA;
Departamento de História FSCH/NOVA.

rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

SUSANA GARCIA

Instituto de Ciências Sociais e Políticas
da Universidade de Lisboa.

msgorjao@gmail.com

SÍLVIA CASIMIRO

LABOH- Laboratório de Antropologia
Biológica e Osteologia Humana FCSH/
NOVA; CRIA-Centro em Rede de Investigação
em Arqueologia FCSH/NOVA.

smcasimiro@gmail.com

VASCO LEITÃO

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa/
Departamento de Património Cultural/
Direção Municipal de Cultura/ Câmara
Municipal de Lisboa.

vasco.leitao@cm-lisboa.pt

VASCO NORONHA VIEIRA

Neoépica, Ld.^a

vav@sapo.pt

VÍTOR FRAZÃO

Neoépica, Ld.^a

vitfrazao@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA
Diogo Santos Moura

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA
Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA
António Marques

COORDENAÇÃO GERAL
Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO
ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara

Municipal de Odivelas; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC / Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC / Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques e Jardins, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Oranização das Nações Unidas para a Educação, ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau|Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo / Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro / Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios (NARC) / Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior

/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra / Faculdade de Letras / Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa / Faculdade de Arquitetura / Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências / Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa / Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO
Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*:
Para Além Desta Vida - Memória Funerária da Cidade - VII

COORDENAÇÃO DO VOLUME
Rodrigo Banha da Silva – CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA
Ana Lema Seabra
Ana Margarida Arruda
Ana Sofia Antunes
Catarina Bolila
Cidália Duarte
Cláudia Costa
Cláudia Manso
David Gonçalves
Diego Angelucci
Elisa de Sousa
Éver Calvo
Francisca Alves-Cardoso
Helena Pinheiro
Jacinta Bugalhão
Joana Reis
João Muralha
José Carlos Quaresma
José Miguel Oliveira
Manuela Leitão
Marina Lourenço
Nathalie Antunes-Ferreira
Nelson Cabaço
Nuno Neto

Paulo Botelho
Paulo Rebelo
Pedro Fernandes
Pedro Peça
Raquel Granja
Rodrigo Banha da Silva
Susana Garcia
Sílvia Casímiro
Vasco Leitão
Vasco Noronha Vieira
Vítor Frazão

REVISÃO DO VOLUME
Rodrigo Banha da Silva - CAL / DPC / DMC / CML e FCSH / NOVA
Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML
Inês Morais Viegas - DPC / DMC / CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Inês Morais Viegas (coord.) - DPC / DMC / CML
Cristina Nozes - CAL / DPC / DMC / CML
Vasco Leitão - CAL / DPC / DMC / CML

© Câmara Municipal de Lisboa,
autores dos textos de cada volume
e editora Caleidoscópio.

DESIGN GRÁFICO
José Ribeiro

DESENHO DE CAPA
César Figueiredo

ISBN
978-989-658-697-3

DATA DE EDIÇÃO
Novembro 2021

DEPÓSITO LEGAL
463308/19

TIRAGEM
1.500 exemplares

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Lisboa

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:
<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM
<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER
<https://twitter.com/LisboaRomana>

LISBOA
ROMANA
FELICITAS
IULIA
OLISIPO